

## **TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I**

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

# **CARACTERÍSTICAS DO GONZO NO BRASIL E SUAS PECULIARIDADES NA MÍDIA IMPRESSA: REVISTA PIAUÍ**

**PHILIPPE GUSTAVO PORTELA PIRES**

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação do Prof. Luis Fernando Rabello Borges e avaliação dos seguintes docentes:

---

Prof. Me. Luis Fernando Rabello Borges  
Universidade Federal de Santa Maria  
Orientador

---

Prof. Me. Carlos André Echenique Dominguez  
Universidade Federal de Santa Maria

---

Prof. Me. José Antonio Meira da Rocha  
Universidade Federal de Santa Maria

---

Prof. Dr. Elias José Mengarda  
Universidade Federal de Santa Maria  
(Suplente)

Frederico Westphalen, 08 de janeiro de 2010.

### **Características do Gonzo no Brasil e suas peculiaridades na mídia impressa: revista *piauí*<sup>1</sup>**

Philippe Gustavo Portela Pires<sup>2</sup>  
Luis Fernando Rabello Borges<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

A proposta aqui é identificar características de jornalismo Gonzo presentes na revista *piauí*. Enquanto uma publicação impressa voltada antes de mais nada a reportagens, caracteriza-se por si só como uma representante do jornalismo literário no Brasil. E em uma de suas seções, intitulada *diário*, percebe-se de forma mais intensa e sistemática a inclinação dessa revista mensal por uma vertente específica (e mais radical) de jornalismo literário, conhecida como Gonzo. Nesse sentido, foram selecionadas três matérias publicadas na seção *diário*, presentes nas edições 12, 26 e 33, respectivamente de setembro de 2007, novembro de 2008 e junho de 2009, de forma a analisar como se manifesta e é praticado o jornalismo Gonzo em *piauí*.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo impresso; jornalismo literário; jornalismo Gonzo; *piauí*.

#### **Considerações iniciais**

Em se tratando de qualidades diferenciadas do jornalismo convencional<sup>4</sup> a revista *piauí* assume uma postura exclusiva no atual cenário brasileiro de produções impressas. Ela atua como uma mídia que proporciona qualidade e prazer na leitura, trazendo aos seus consumidores reportagens com características diferentes das convencionais produzidas em outras mídias. O aspecto que caracteriza a *piauí* como diferente é a sua verve literária e textos com aparência de romance, onde o produtor se apega às qualidades do estilo de escrever o texto e à construção de seus sentidos, e não unicamente priorizar critérios de noticiabilidade.

---

<sup>1</sup> O nome da revista é totalmente grafado em letras minúsculas justamente para não manter nenhuma relação com o estado do Piauí.

<sup>2</sup> Acadêmico do 7º semestre do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM/Cesnors.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM /Cesnors.

<sup>4</sup> Para jornalismo convencional adotamos a idéia de Dader (2007), que coloca que, “no jornalismo convencional, toda afirmação ou declaração, por mais contundente que pareça, sempre pode ser respondida com outra afirmação ou declaração em sentido contrário. O jornalismo convencional mostra, mas não demonstra, e muitas vezes só mostra a parte que parece mais apetitosa ou simpática ao redator ou seu meio de comunicação”.

Após uma reflexão sobre os textos da *piuí*, identifico que a revista costuma dedicar espaço, em algumas de suas páginas, a uma vertente específica de jornalismo literário, conhecida como Gonzo, a qual se apega a pontos que se diferem das formas do jornalismo convencional.

Dessa maneira, será apresentada neste artigo uma análise dos traços de jornalismo Gonzo possíveis de serem identificados em matérias da revista *piuí*.

### 1 Jornalismo impresso

O jornalismo impresso é, sem dúvida, uma das formas mais elaboradas de se difundir informação, pois fornece ao leitor fatos transcritos de uma realidade que é representada através de um discurso jornalístico elaborado para servir ao leitor como fonte de conhecimento e documento histórico.

Desde a invenção do Tipógrafo, por Gutenberg, em 1438, na França, o jornalismo impresso se tornou uma – se não a maior – fonte de informação com legitimidade perante o público, tendo somente na nossa contemporaneidade os primeiros indícios de seu desaparecimento devido ao crescimento do meio digital para difusão da informação. Porém, uma das matrizes que prezam pela qualificação e sobrevivência do jornal impresso é o plano do jornalismo interpretativo, ou seja, as reportagens.

E é nesse plano interpretativo que o jornalismo impresso ganha força para se manter presente entre as fontes de informações. De acordo com o atual diretor responsável pela Central Globo de Jornalismo (CGJ) e colunista do jornal *O Globo*, Ali Kamel, em seu artigo intitulado *Vida longa para os jornais impressos*, de 1997:

Não é essa diferença física entre materiais, no entanto, que me faz apostar na sobrevivência dos jornais. Eles sobreviverão porque fatalmente mudarão o seu conteúdo. Na verdade, estamos em pleno processo de mudança. Já atualmente, os fatos, os acontecimentos, estão cada vez mais na esfera do jornalismo *on-line* e televisivo. Aos jornais, resta o talvez fundamental: a explicação do fato, a sua interpretação, a sua análise, os seus efeitos (KAMEL, 1997).

Dessa maneira, compete ao meio impresso, ainda, a tarefa de levar o repórter ao fato, e fazer com que a produção textual do discurso utilizado para levar o mundo aos olhos do leitor seja mais do que um simples “contar o que acontece”, e traga o leitor para dentro do fato através da leitura do texto.

### 2 Jornalismo literário, *new journalism* e jornalismo Gonzo

Segundo Pena, o jornalismo literário significa potencializar os recursos do jornalismo, ou seja:

[...] ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide<sup>5</sup>, evitar os definidores primários<sup>6</sup> e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (2006, p.6).

Mas no que se difere então o *New Journalism* e o Jornalismo Gonzo dessa vertente literária?

O *New journalism* nada mais é que o movimento de jornalismo-reportagem iniciado nos Estados Unidos nos anos 60, é o típico romance reportagem, ou romance de não-ficção, aos moldes de textos produzidos por jornalistas como Gay Talese (*A mulher do próximo*), Truman Capote (*A sangue frio*), Norman Mailer (*O Super-Homem vai ao Super Mercado*) e Tom Wolfe (*Da Bauhaus ao nosso Caos*), que são os principais autores do gênero.

O novo jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações diretas, a alusão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o

---

<sup>5</sup> O lide, na síntese acadêmica de Harold Lasswell, informa *quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para que* (LAGE, 2006, p.24).

<sup>6</sup> Estes são fontes institucionalizadas, que falam em nome de uma instituição e fornecem, na maioria das vezes, as primeiras informações sobre o assunto. [...] Estas fontes são sempre as primeiras a serem procuradas pelos jornalistas e a sua interpretação primária acaba por ditar o rumo de qualquer notícia (MENDEZ et al, 2009, p.11).

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive (TALESE, 1973).

O Gonzo, por sua vez, é definido como o jornalismo totalmente parcial, onde o jornalista é sempre autor e personagem na matéria, tendo total participação na ação. Sempre elaborado em primeira pessoa, outra característica do Gonzo aproximar o leitor do fato de maneira a fazer com que o mesmo se sinta participante de todos os atos e, muitas vezes, o redator se utiliza ainda de suas experiências passadas ou contemporâneas à tessitura do texto para se expressar.

Em sua monografia *Gonzo – O filho bastardo do New Journalism* (2003), Czarnobai define o jornalismo Gonzo em sua captação participativa, não se limitando apenas a observar e narrar. Ele destaca que, para o jornalista oferecer uma maior dimensão de informações, ele próprio precisa viver a experiência. Tornando-se parte do objeto de sua reportagem, o Gonzo jornalista acaba interferindo – ainda que involuntariamente – no destino da história.

Fernanda Paola (2005), na edição nº93 da revista *Cult*, define que para o jornalismo Gonzo é essencial o envolvimento altamente pessoal do repórter, tão intenso a ponto de poder substituir fatos por impressões.

Também conhecido justamente como filho bastardo do *New Journalism*, o jornalismo Gonzo surgiu nos Estados Unidos na década de 60 com o jornalista e escritor Hunter Stockton Thompson, em meio a todo o movimento da contracultura. Todo o movimento daquela década, que colocou todos os valores morais, culturais e políticos dentro do liquidificador, misturando e modificando tudo, atingiu os meios de comunicação e principalmente o fazer jornalístico, que deixava os manuais nas gavetas e primava pela criatividade na hora de escrever textos.

Adepto de técnicas que o aproximam muito mais dos ideais beatniks e hippies (como o obrigatório abuso de drogas, os caóticos métodos de captação e a liberdade criativa na hora de escrever os textos) do que os seus contemporâneos, Hunter dá origem ao que se convencionou chamar de Gonzo Journalism, que ainda hoje é reconhecido academicamente como uma escola de um só autor. O Gonzo Journalism prima pela total anarquia, pelo sarcasmo e pelo exagero. É a tradução mais aproximada dos ideais libertários da época: a busca incessante pelo Sonho Americano - coisa que todos, de uma forma ou outra, estavam fazendo nos Estados Unidos nos anos 60 (CZARNOBAI, 2003).

### 3 Jornalismo literário brasileiro: origens e revista *Realidade*

O jornalismo literário se difundia fortemente por todo o mundo na década de 60, porém é inevitável não buscar no passado algumas origens desse formato, particularmente no Brasil, onde hoje temos a revista *piauí*, objeto de estudo deste trabalho.

Um molde de tal estilo é o livro *Os sertões*, de 1902, escrito pelo repórter Euclides da Cunha, onde relata em sua obra a ação do Exército na destruição do arraial de Canudos, no interior do Nordeste. O advento da obra veio em reportagens feitas em 1897 para o jornal *O Estado de São Paulo*.

Euclides não participou efetivamente até o fim de Canudos, tendo se limitado a atuar como repórter de campo, investigativo, relatando e documentando os fatos antes, durante e após seus acontecimentos.

Euclides não ficou até a derrubada de Canudos, porém, conseguiu reunir material suficiente para a publicação de *Os Sertões: Campanha de Canudos* (1902). Com uma narrativa excepcionalmente real, Euclides conseguiu descobrir um Brasil diferente da representação habitual, o que rendeu fama internacional à obra e ao autor, dando ênfase ao novo estilo então adotado (NUNES, 2008, p. 8).

Outra grande marca da literatura jornalística brasileira foi a revista *Realidade*. Lançada em 1966 pela editora *Abril*, o veículo fomentou uma abordagem diferenciada dos fatos, trazendo o repórter para dentro da ação e lhe dando autonomia para montar o texto de acordo com seu estilo.

Vanessa Candia jornalista do site *Canal da Imprensa*, em uma matéria sobre Antropocentrismo Literário, define a revista *Realidade* da seguinte maneira:

"O homem era o centro dos fatos" em *Realidade*. É possível observar isso em praticamente todas as reportagens. Ao descrever uma floresta, uma cidade, o espaço, enfim, isso somente ganhava vida quando os pés descalços do seu Sebastião, ou aquela pobre e desmazelada criança entrava em cena. A paisagem, por mais bela e detalhada que fosse pelo jornalista, na maioria, era apenas o palco, o cenário para o personagem principal: a realidade (CANDIA, 2004).

Um dos principais repórteres a trabalhar na revista, José Hamilton Ribeiro<sup>7</sup> destaca que “os anos 60 foram muito férteis para a experimentação e a busca pela novidade, inclusive na imprensa. Basta perceber que apareceram manifestações semelhantes em diversos cantos do mundo” (*apud* NECCHI<sup>8</sup>, 2007, p. 8).

#### 4 Revista *piauí*

Necchi (2007) também observa que a revista *piauí* retoma o mundo das reportagens, dando ênfase ao texto e não somente ao fato, e no como se passa o fato e não na velocidade com que ele é transmitido. A revista teve sua edição zero lançada em setembro de 2006, porém já vinha sendo anunciada desde agosto daquele mesmo ano na Festa Literária de Parati (Flip) “pelos dois líderes do projeto, o documentarista João Moreira Salles e o editor Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras” (NECCHI, 2007, p. 3).

Fazem parte da criação da linha editorial de *piauí*, além desses, Mário Sergio Conti<sup>9</sup>, Dorrit Harazim<sup>10</sup>, Marcos Sá Corrêa<sup>11</sup> e Raquel Freire Zangrandi<sup>12</sup>.

Zangrandi salienta que, nesse processo, “[...] eles partiram da idéia de criar uma revista para quem gosta de ler, e apesar de terem feito uma revista para eles mesmos, queriam que ela desse certo” (*apud* NUNES, 2008, p.13).

A repórter ainda revela que a intenção é fazer uma revista boa de ler, divertida e que dê tempo aos repórteres para apurarem os fatos e escrevê-los. “Queremos fazer matérias que sejam

---

<sup>7</sup> José Hamilton Ribeiro é um dos fundadores da revista *Realidade*, e é tido como o “lendário” repórter brasileiro que cobriu a Guerra do Vietnã, perdendo uma perna quando pisou em uma mina.

<sup>8</sup> Jornalista, mestre em Comunicação Social, professor da Faculdade de Comunicação Social (FAMECOS) da PUCRS.

<sup>9</sup> Mario Sergio Conti é um jornalista brasileiro. Foi editor da revista *Veja* e do *Jornal do Brasil*, entre outros veículos. É diretor de redação da revista *Piauí*. Escreveu o livro *Notícias do Planalto, a Imprensa e Fernando Collor*.

<sup>10</sup> Dorrit Harazim é jornalista brasileiro, o repórter se consagrou com *O triunfo final de Che*, polêmica matéria que fez para revista *Veja*.

<sup>11</sup> Marcos Sá Correa é jornalista e fotógrafo. Escreve na revista *Piauí* e no jornal *O Estado de São Paulo*. Foi editor das revistas *Veja* e *Época*, diretor do *JB*, de *O Dia* e do site *NO*.

<sup>12</sup> Raquel Freire Zangrandi é produtora de cinema, coordenadora de produção e repórter da *piauí*.

interessantes, sejam elas de que natureza forem. Não queremos nos prender a padrões estéticos de texto ou de aspecto visual” (ZANGRANDI *apud* NUNES, 2008, p.13).

Necchi ainda ressalva que “*piauí* não se trata de uma revista de cultura ou opinião, mas de reportagens, com textos que vazam pela página e seguem na folha seguinte” (2003, p. 3).

Ele ainda traz citações da própria revista:

*piauí* será uma revista para quem gosta de ler. Para quem gosta de histórias com começo, meio e fim. Como não se inventou nada melhor do que gente (apesar de inúmeras exceções, vide... deixa pra lá), a revista contará histórias de pessoas. De mulheres e homens de verdade. Ela pretende relatar como pessoas vivem, amam e trabalham, sofrem ou se divertem, como enfrentam problemas e como sonham. *piauí* partirá sempre da vida concreta (NECCHI, 2003, p. 3).

O mesmo autor encerra suas percepções sobre a *piauí* com a seguinte citação: “Ela dará importância ao que, por ignorado, é tido como insignificante. Tratará de achar novidades no que, por esquecido, parece velho ou ultrapassado. A revista não será ranzinza nem chata” (NECCHI, 2003, p. 4).

### 5 Peculiaridades da análise

Foram selecionadas três edições de maneira aleatória para essa pesquisa, sendo a única exigência que cada uma fosse de um ano (2007, 2008 e 2009). Os textos são da editoria *diário*. Nesta editoria, os textos publicados são relatados por pessoas desconhecidas e famosas em seus cotidianos que normalmente fogem do comum da maioria das pessoas.

A edição 12 traz na seção analisada o texto de Francisco Jaime Alves Barbosa (intitulado *Onze da noite é a hora dos solitários*), um rapaz de 21 anos, morador da Vila Vintém, que relata seu cotidiano de atendente de supermercado da seção de laticínios. Na edição 26, a escritora norte americana Hilary Mantel, de 56 anos, conta sua trama em uma semana no hospital com seu marido (na matéria *Abscessos, aderências, perfurações: nunca me senti tão só*), relatando o atendimento prestado junto com características de suas experiências na ex-profissão de



## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

enfermeira. Daphne Merkin, 55 anos, escritora e colaboradora do jornal *New York Times*, completa a seleção da análise, através de sua matéria intitulada *Saindo das Trevas* e publicada na edição 33. Merkin é a que mais se aproxima do Gonzo, contando 8 meses de sua vida em que passou por uma profunda depressão.

Mesmo não sendo uma revista completamente Gonzo, *piauí* traz algumas peculiaridades em seu texto que remetem às características dessa vertente de jornalismo literário. E é em certos aspectos do Gonzo, tais como a ação do relator, suas sensações físicas e psicológicas e suas experiências expostas no texto, a descrição de pessoas, objetos e fatos feitas de uma percepção próxima, o uso dos pensamentos e do exagero para complementar o texto, que a seção *diário* se aproxima e permite o uso de tais recursos para atrair leitores.

### 5.1 Gonzo, texto em ação

No *fazer* Gonzo jornalismo, ter no texto a ação do próprio relator é necessário, pois ela liga as qualidades de informação ao corpo textual, dando assim ritmo e continuidade ao texto. Tal ação pode ser exemplificada como no trecho:

Acordo às 10 horas, ansioso para ir ver o meu irmão. Preciso esperar até as 2 da tarde, que é o horário de visitas, e parece que o tempo em casa não passa. Pouco depois de meio-dia, saio finalmente para o hospital Albert Schweitzer com o meu padrasto. Não é longe. A maternidade fica no 10o andar e a fila do elevador está enorme. Tento subir correndo pelas escadas, mas o fôlego termina no 3o andar. É melhor seguir devagar (BARBOSA, In: *piauí*, edição 12, 2007, p. 18).

Outra camada que a ação exposta no texto cria na nossa leitura é a construção das imagens dos fatos na nossa mente. Tal efeito é catalisador para a leitura, pois cria a sensação de presença e participação do leitor no próprio texto.

Por toda a cidade, pessoas menos deprimidas ou nem um pouco deprimidas levavam suas vidas normais, vendo tevê, escrevendo num blog ou jantando mais tarde. Por que eu não era uma delas? Depois de ficar olhando para a escuridão horas a fio, finalmente me levantei, vesti meu robe, e me dirigi ao posto das enfermeiras à procura de mais remédios para dormir (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 18).

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

Na forma de jornalismo Gonzo, há o mínimo de preocupação em informar, o texto é construído com total interesse no prazer de apenas ser lido, ou muitas vezes apenas escrito. Por isso, tal formato é pouco utilizado nas mídias convencionais, ganhando adeptos somente em mídias consideradas alternativas ou para um público seletivo.

Ainda analisando o campo das ações dos personagens e mixando essa característica Gonzo de despreocupação, temos na edição 33 o exemplo: “Haveria novos livros para ler, novos filmes para assistir e novos restaurantes a experimentar. Consegui me imaginar escrevendo de novo, o que não me pareceu uma idéia estapafúrdia. Havia coisas que eu queria dizer” (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 19). Que através de uma ação, mostra um fato com continuidade inexistente e uma mínima característica de informatividade, presente no jornalismo convencional.

### 5.2 Sensações e experiências

Objetividade, como se nota facilmente, não é relacionada ao Gonzo jornalismo: os pensamentos, sentimentos e sensações invadem o texto constantemente:

Tudo nela está manchado, mofado, descascado. Uma escuridão molhada esbofeteia os prédios. Colina abaixo, faróis rastejam pela avenida principal. Acho que o motorista do táxi se perdeu, o que é mais do que provável. Nunca me senti tão sozinha na vida (MANTEL, In: *piauí*, edição 26, 2008, p. 16).

As sensações e experiências também integram texto e leitor, fazendo com que quem leia o texto se aproxime de viver a experiência através de uma sensação psicológica motivada pela leitura, ou até mesmo resgate essa sensação por meio de uma lembrança. O que pode ser notado no excerto: “Perto das 22 horas, chega uma cliente que mora em São Paulo e vem ao Rio para cuidar do pai. Ela só gosta que eu atenda. Hoje pediu para eu estender a mão e esfregou a mão dela na minha. Disse que era para eu lembrar do perfume dela quando fosse embora. Gostei” (BARBOSA, In: *piauí*, edição 12, 2007, p. 17).

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

Não só no caráter sensação e experiência – de maneira convencional – se constrói precisamente essa peça que monta o formato Gonzo. Muitas vezes as experiências precisam ser diferentes, ainda não experimentadas por um grande público e até mesmo não relatadas, sendo elas desconhecidas ou imperceptíveis.

nenhuma das drogas funciona de maneira absoluta. Por enquanto, não dispomos de nada melhor que uma forma refinada de adivinhação. Existem cerca de trinta pílulas que atuam de forma não totalmente compreendida sobre os nossos circuitos neuronais e a produção de serotonina, norepinefrina, dopamina e outras substâncias. Ninguém, nem mesmo os psicofarmacólogos que receitam esses remédios, compreende plenamente por que funcionam, quando funcionam e deixam de funcionar. Enquanto isso, os possíveis efeitos colaterais (que podem ir desde tremores ligeiros até a discinesia tardia, um problema raro que leva o paciente a produzir caretas incontrolláveis) são deixados de lado, até não poderem mais ser ignorados (MERKIN, In: piauí, edição 33, 2009, p. 16).

Há ainda um caráter próprio do Gonzo, o fato de o narrador ser especialista no assunto sobre o qual elabora determinada matéria. Isso confere confiabilidade a suas descrições, o que é intensificado através da qualidade do tempo ao qual ele se expõe a essas experiências. O seguinte intervalo serve de modelo:

Mais: depois de uma vida inteira de terapia e medicação, que parecem nunca ter conseguido mais que remendar precariamente os buracos que havia em mim, passei a duvidar do conceito de intervenção profissional. É provável que eu entendesse mais de antidepressivos do que a maioria dos terapeutas, por ter experimentado as três categorias de psicotrópicos isolados, ou em combinações, à medida que eram lançados no mercado (MERKIN, In: piauí, edição 33, 2009, p. 16).

### 5.3 Dos olhos para tinta no papel

A descrição no jornalismo Gonzo é feita de maneira característica: o leitor quando lê o texto se imagina vendo o que o relator descreve. O criador do texto Gonzo, quando faz determinada descrição, está presente e vivendo o fato, por isso muitas vezes ele usa em sua descrição também a sua experiência. Um trecho da matéria publicada na edição 12 deixa clara essa propriedade, quando o autor descreve o seu cotidiano. “O movimento só diminui por volta

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

das 23 horas, depois da briga do pão quente. A padaria é aqui ao lado do Laticínios, e eu fico só olhando. Às vezes, quando chega o pão novo, e tem muita gente esperando, parece que essas pessoas passaram o dia sem comer. E são sempre as mesmas” (BARBOSA, In: *piauí*, edição 12, 2007, p. 17).

E como todos os outros elementos do Gonzo, a descrição também entrelaça o leitor ao texto, quase como em um texto literário, montando cenários onde há relação do narrador com o tempo, espaço e demais personagens:

Meu marido está no outro lado do hospital e a gente se perdeu. É um prédio desnorteante, que se ergue sem planejamento nenhum num terreno cheio de mato. Deparamos com paredes nuas, com janelas, mas nenhuma porta, olhamos espantados e damos de cara com enfermarias onde os doentes olham para a gente com espanto. Quando encontramos a UTI, a enfermeira-chefe, nem um pouco irritada com o nosso atraso, nos embrulha em aventais cirúrgicos. Lá dentro, não há dia nem noite, mas um silêncio solene, os reconfortantes zumbidos e pios de aparelhos. O paciente está acordado e faz piadas (MANTEL, In: *piauí*, edição 26, 2008, p. 16).

Uma particularidade dos textos literários que também se sobressalta no jornalismo Gonzo é o uso de metáforas, para, por meio de comparação, o leitor construir identidades e cenários. O que pode ser exemplificado através do seguinte trecho: “Um dia, no início da minha segunda semana, fui convocada a deixar uma sessão de terapia e me reunir com uma psiquiatra da unidade de ect. Ainda me pergunto se esse breve encontro não terá sido definitivo, assustando-me para todo o sempre. Ela parecia uma carcereira de penitenciária” (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 18).

### 5.4 Pensamentos, o tempo do texto

Expor o que se pensa, ou o que a mente do narrador desenha, é uma característica usual do jornalismo Gonzo.

Adulta, sempre me perguntava como me sentiria se fosse uma pessoa com uma visão mais luminosa das coisas. Alguém que possuísse as ilusões necessárias, sem as quais a

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

vida é insuportável. Alguém que conseguisse se levantar pela manhã sem se deixar aprisionar por pensamentos melancólicos: *Não adianta, é tarde demais, sempre foi tarde demais. Desista, volte para a cama, não adianta. Tanta coisa a fazer. Nada a fazer. Não adianta* (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 14).

Na matéria da edição 26, chama a atenção o seguinte trecho: “Por fim, de modo arrasador, ela diz: "Isso é o que a gente chama de diverticulite". E é quase irresistível o impulso de responder: "Isso é o que a gente chama de um murro na cara." Ela encolhe os ombros. "É dessa doença que a gente vai tratar o seu marido"" (MANTEL, In: *piauí*, edição 26, 2008, p. 16). No trecho: “Isso é o que a gente chama de um murro na cara”, a personagem relatora expressa seu pensamento carregado de seus sentimentos. Essa qualidade expõe o lado humano do texto, aproximando o leitor da história e dos fatos.

### 5.5 A arte do exagero

Adjetivos são armas perigosas em textos, podem montar ou desmontar qualquer construção feita pelo autor em uma única palavra. Mas em alguns casos o uso, que remete ao exagero, pode dar tom de poesia ao texto e qualificar a leitura, melhorando o entendimento do leitor.

Nas poucas horas em que passava desperta sentia uma exaustão letal, como se nadasse numa piscina de piche. Os recados telefônicos ficavam sem resposta, os e-mails nem eram lidos. A idéia de escrever me era tão estranha quanto uma competição olímpica. Eu mal comia, já perdera mais de 13 quilos. Tinha desistido de qualquer comunicação. Quando falava, era quase sempre sobre suicídio (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 14).

Para tal uso do exagero, certo ritmo alucinado é característico do Gonzo, quebrando as medidas de jornalismo e se atirando de vez no campo literário.

Os hospitais psiquiátricos supostamente sabem garantir a nossa segurança. Mas eu estava em conflito até mesmo com a questão essencial da sobrevivência. Eu não tinha certeza de querer interromper minha espiral descendente, na qual a luz no fim do túnel, como disse certa vez o poeta Robert Lowell, era apenas o farol do trem vindo em nossa direção. Eu me imaginava espatifando na calçada com certa serenidade, com uma sensação de conclusão necessária. As pessoas que tiveram a temeridade de baixar a

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

cortina sobre seu próprio sofrimento – em vez de se deixarem ficar, arrastando os pés, perdidas na esperança de dias melhores – me fascinavam. Mas sempre acreditei que as vítimas do suicídio não percebem que nunca terão uma nova chance. Se você fica deprimido além de certo ponto, acho eu, começa a conceber a morte como um berço, em cujo balanço suave pode se preparar para uma vida nova, cintilante de ineditismo, ainda intocada (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 16).

Drama é um gênero que constitui a posição do ser humano como um animal, faz quebrarmos os paradigmas que criamos para retornar a nossa condição natural de seres vivos e diferenciados dos demais por pensar. No fragmento a seguir, notamos o exagero da colocação do autor para designar uma discrepância social:

Hoje decidi não jantar. Aquela caminhada até o posto 5 às vezes desanima. Comprei um pacote de biscoitos e fui passear um pouco na orla, para sentir aquele cheiro de mar. Assisti a três moleques de rua roubarem um sanduíche e um suco das mãos de um turista e voltei para o trabalho. Não sei por que, mas sempre achei que essas coisas só acontecessem na África (BARBOSA, In: *piauí*, edição 12, 2007, p. 17).

As onomatopéias são exageros da fala humana, reprodução de sons cotidianos em formas gráficas que, quando lidos, assemelham-se aos sons de objetos, animais etc. Exemplo:

As delícias da enfermaria comum ainda estão à nossa frente. Lá, todo mundo berra. Todas as rodinhas das macas e carrinhos guincham e as portas dos armários, toda vez que são fechadas, estalam *pac pac* como dois tiros de pistola geminados. Uma torneira pinga, *pim pim pim*, abrindo caminho à força no meio do estrondo geral. Rastreio a direção de onde vem o barulho e localizo uma bacia suja numa alcova por trás de um leito (MANTEL, In: *piauí*, edição 26, 2008, p. 17).

Para finalizar, trago à tona a figura de linguagem, que por si só é ferramenta clássica dos textos impressos, para que o leitor, ao natural, construa imagens em sua mente. “À meia-noite e meia, saio e me abrigo embaixo da marquise do prédio, à espera de um táxi para ir para casa. Essa ala do hospital é uma construção precária da década de 70 que parece querer esfolar a própria pele” (MANTEL, In: *piauí*, edição 26, 2008, p. 16). Neste exemplo, extraído da edição 26, aqui a palavra “pele” é usada de maneira metafórica para representar a aparência da construção.

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

### Considerações finais

Após a análise, foram colocadas à luz da percepção as formas adotadas pela revista *piauí* para incorporar às suas páginas as características do formato Gonzo de jornalismo literário.

A ação do personagem é exposta corriqueiramente no texto; afinal, a seção *diário* é por si só um relato pessoal de uma pessoa sobre determinado tema. O mesmo ocorre com as sensações e experiências postas no texto. Para expor o caráter e apoiar seu texto em qualidades humanas, que atraem e aproximam o leitor, os autores se utilizam desses métodos, comuns ao Gonzo.

Para a maioria das formas de jornalismo a descrição é fundamental, pois leciona o leitor a compreender melhor os ambientes ou estéticas dos fatos, pessoas e objetos. Na *piauí*, a descrição ocorre com toques pessoais do escritor, ou seja, com a qualidade fundamental do formato de descrição abrigado no formato Gonzo.

Compreendidos de maneira perceptível e clara no Gonzo, os pensamentos dos relatores são postos também na *piauí* de maneira direta, ainda que, por não ser implícito, esse pensamento é diretamente ligado ao consciente de quem escreve. Há também nesses mesmos aspectos o uso do exagero, que metaforicamente qualifica expressões de quem cria o texto da revista.

Por fim, pode-se dizer que, em *piauí*, o Gonzo aparece não como uma regra, mas como uma forma quase natural do estilo diferenciado adotado pela revista, que mescla jornalismo e caráter literário. O que se nota é que, a respeito dos estilos adotados para a construção dos discursos da revista, a arte jornalística é mais intensa do que a ciência jornalística.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. A. B. Onze horas é a hora dos solitários. **piauí**, São Paulo, 12ª ed. Ano 1, set. 2007. Diário, p. 16-18.

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

CANDIA, V. Antropocentrismo Literário. Canal da Imprensa. Engenheiro Coelho, 2004.  
Disponível em: <<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/nostalgia/trint8/nostalgia1.htm>>.  
Acesso em 12 de out. 2009.

CZARNOBAI, A. Gonzo – O filho bastardo do new journalism. Qualquer, Porto Alegre, 2003.  
Disponível em: <<http://www.qualquer.org/gonzo/monogonzo/>>. Acesso em 15 nov. 2009.

DADER, J. L. [Entrevista disponibilizada em 7 de setembro de 2007]. 2007. Disponível em:  
<<http://www.informacaopublica.org.br/?q=node/25>>. Acesso em 15 dez. 2009.

KAMEL, A. Vida longa para os jornais impressos. Observatório da Imprensa, [S.l], 1997.  
Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/cadernos/do2005b1.htm>>. Acesso em: 21 de set. 2009.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2006

MANEL, H. Abscessos, aderências, perfurações: Nunca me senti tão só. **piauí**, São Paulo, 26ª ed.  
Ano 3, nov. 2008. Diário p. 15-17.

MERKIN, D. Saindo das trevas. **piauí 33**, São Paulo, 33ª ed. Ano 3, jun. 2009. Diário p. 14-19.

NECCHI, V. **A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”**. Santos. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Jornalismo, no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

NUNES, J. R. **Revista piauí: O jornalismo literário em função de um público consumidor exigente**. 2008. 29f. Monografia (Habilitação em Jornalismo) - Faculdade Pitágoras de Londrina, 2008.

PAOLA, F. Fato e Ficção. **Revista CULT**. São Paulo, 1993, p. 14.



## **TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I**

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

PENA, F. O jornalismo literário como gênero e conceito. Rascunhos virtuais, [S.l], 2006. Disponível em: <<http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>>. Acesso em: 12 de out. 2009.

TALESE, G. Nota do autor. Andre Deak, [S.l], 1973. Disponível em: <<http://www.andredeak.com.br/emcrise/nao-preciveis/nptalese.htm>>. Acesso em: 29 de set. 2009.

## **TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I**

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

## **ANEXOS**

---

### ANEXO A – Seção diário - piauí\_12 – setembro 2007

#### ONZE DA NOITE É A HORA DOS SOLITÁRIOS

Francisco Jaime Alves Barbosa



DE SEU POSTO NA SEÇÃO DE LATICÍNIOS DO SUPERMERCADO ZONA ZUL, LOJA 9, NA PRAÇA GENERAL OSÓRIO, EM IPANEMA, FRANCISCO É UM BEM HUMORADO OBSERVADOR DAS MANHAS E HÁBITOS DE SEUS FREGUESES. EM APENAS UM MÊS E MEIO NO POSTO, JÁ FEZ VÁRIAS AMIZADES. É O SEGUNDO EMPREGO COM CARTEIRA ASSINADA DESSE RAPAZ DE 21 ANOS QUE MORA NO BECO DO BICHEIRO, NA VILA VINTÉM.

**2 de agosto, QUINTA-FEIRA** Às 13 e 20, saio de casa para apanhar o trem rápido, que passa às 14, e, no caminho da estação, encontro o tio de um amigo, que me dá os parabéns pela vitória do meu Botafogo. Uma figura, esse tio do meu amigo. Eu não entendia por que ele passava o dia inteiro na rua, para cima e para baixo, com umas gaiolas com passarinho. Aí conheci a mulher dele e entendi. Ela é muito feia.

Às vezes, consigo pular o muro da estação e economizo uma passagem. Não é muito, mas são 2 reais. Nos últimos dias não tem dado, porque o pessoal da ferrovia passou graxa em cima do muro e já vi um cara que pulou e ficou todo lambuzado. Recebo vale-transporte, mas, de qualquer maneira, uma parte vem descontada do meu salário, que é uma miséria.

Quando entro no trem, já fico esperando alguém com alguma história triste, uma doença. Trem é lugar desses papos. Todo dia tem um. Hoje apareceu um homem que precisava de dinheiro para comprar uma prótese de olho. Ele pedia o dinheiro e abria o olho para mostrar. Sempre que o trem passa pela estação Maracanã, fico olhando o prédio da

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

Uerj. Um dia eu chego lá. Quero ser cirurgião ortopédico. Estou economizando para fazer o pré-vestibular. Já tenho 320 reais na gaveta perto da minha cama.

Falta pouco para o fim da viagem e estou vendo que, o tempo todo, uma gordinha não tirou os olhos de mim. Está dando muito mole, mas não adianta, tenho de trabalhar.

São 15 e 40, e chego ao trabalho de bom humor. Atendo um casal conhecido, seu Ricardo e a mulher. Ele gosta de comprar de tudo para os filhos, mas a mulher manda ele parar. "Pra quê tudo isso?", ela diz.

Acaba o meu dia de trabalho e vou pegar o ônibus para a estação do trem. Chego em casa às 2 e meia da manhã, tomo um banho e desabo na cama.

**SEXTA-FEIRA** Saí mais cedo de casa. Queria passar na cidade para comprar um jeans. No caminho encontrei o Morceirão. Ele sempre me pede dinheiro para jogar na máquina de azar, mas hoje não deu. A grana está contadinha. A cena do trem hoje foi um cego, acompanhado do filho, pedindo dinheiro. Não dei. Fui direto comprar a calça. Entrei na loja, mas custou muito até ser atendido. Acho que foi por causa da sacola do supermercado que eu carregava com o uniforme. A cada dois dias, ando com essa sacola para casa e para o trabalho. Calça bege e camisa azul, que são lavadas em casa. Por isso a gente ganha dois uniformes, que ainda têm dois pares de sapatos pretos. Comprei, finalmente, a calça: 42 reais. Quarenta, com um desconto de 2 reais que o cara me deu.

Na chegada ao trabalho, os três funcionários na seção estavam estressados. É muito trabalho e pouca gente para trabalhar. São três pessoas num lugar onde deveria ter cinco. O problema é que não tem espaço para cinco atrás do balcão.

A fila cresce e vou atendendo. Um cliente me fala que vai demorar, porque vai comprar muita coisa. E compra mesmo. Gastou o que daria dois meses do meu salário. Era para um café da manhã, ele disse. E a fila não pára de crescer. Uma cliente fica exaltada com a demora. Ela tem razão, mas a demora também é porque os clientes pedem tudo fatiado na hora. A cliente está cada vez mais irritada e começa a xingar a gente. Até que algumas pessoas da fila pedem para ela ir embora, se não quiser esperar.

Jantei aquela comida do refeitório. Feijão e arroz é todo dia. O resto varia: um dia tem frango, outro carne. A verdura é legal, mas a fruta da sobremesa está sempre meio passada. O suco é legal também, manga, maracujá. O duro é a caminhada. São 25 minutos de ida e outro tanto para voltar, porque eu trabalho na filial da praça General Osório, em Ipanema, e o refeitório é na avenida Nossa Senhora de Copacabana, lá no Posto 5.

Quando volto para o balcão, chega um casal brigando e entra na fila. O cara também quer brigar comigo, mas o pessoal da fila manda ele descontar a raiva em outra pessoa, porque eu estava trabalhando e não tinha feito nada para ele.

Escolhi um ônibus via Lapa para chegar ao trem. Fiz mal. Fiquei na Lapa até 1 e 20 da manhã, num engarrafamento. Eram quase 3 horas quando cheguei em casa. O céu da favela vizinha, a Fumacê, estava iluminado. Pelas balas traçantes. São os alemão, o pessoal de outra facção do tráfico que quer tomar as bocas da favela. Lá no Fumacê quem manda é o Terceiro Comando.

**SÁBADO** Hoje a única coisa fora do normal em casa é que vai ter almoço. Há tempos não tem, porque minha mãe anda muito cansada. Ela tem 45 anos e está grávida: aos 21 anos vou ganhar um irmãozinho. Eu queria que ele se chamasse Ítalo, mas a minha mãe prefere Rian. Vai acabar sendo esse nome, claro. O Paulo Henrique, meu outro irmão, tem 13 anos, e a Crysli tem 5.

O dia no trabalho vai ser longo. Só saio às 2 da manhã de domingo. Logo que começo a trabalhar, chega um senhor que atendo há tempos. Carlos é o nome dele, um cara nota 10. Está sempre alegre, fala com todo mundo, cumprimenta. Depois vêm uns grupos de franceses e de chilenos. Nos entendemos através de sinais. É divertido atender estrangeiros.

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

Anoitece sem que eu veja. Noto porque as pessoas começam a me dar "boa-noite". O movimento no Laticínios cresce como nunca vi. Uma mulher me pede informações sobre um produto, e o pessoal pensa que ela quer furar a fila. Chove reclamação. Num momento de calma, outra freguesa me contou que brigou muito com o marido porque ele disse que ela estava uma baleia.

Quase 3 da manhã, chego à Central do Brasil para pegar o trem. Às 4 e 40 estou em casa, abro a porta e falta luz. Dia duro.

**DOMINGO** Acordo com barulho de tiros por perto. Os caras estão atirando da minha rua na polícia. Depois eu soube que foi porque se negaram a pagar o arrego. Foram uns trinta minutos de tiros. Nove e meia já estou no trem, e bastante cansado. Vai ser outro dia daqueles, de meio-dia à meia-noite atrás do balcão.

Logo chega um cliente gay e me passa um papel com números de telefone. Diz que é para eu ligar a cobrar. Não adianta eu falar que gosto de mulher. Ele vai embora dizendo que eu não sei o que perdi.

Perto das 22 horas, chega uma cliente que mora em São Paulo e vem ao Rio para cuidar do pai. Ela só gosta que eu atenda. Hoje pediu para eu estender a mão e esfregou a mão dela na minha. Disse que era para eu lembrar do perfume dela quando fosse embora. Gostei.

**SEGUNDA-FEIRA** Hoje é FOLGA. Vou à casa do Gilmar, meu amigo de infância. Ele também nasceu na Vila Vintém. Brigou com a mãe e o irmão, e estava juntando as roupas para ir morar na casa da irmã. Essa história do Gilmar é longa. A mãe não gosta da namorada dele, acha que ela sai com todo mundo.

Parto para a casa de outro amigo de infância, o Fernando. A mãe dele pede que eu o acorde. Fernando chegou em casa de manhã, não trabalha, só quer saber de festa. Ele já acorda contando várias mentiras, exagera tudo. Mas é gente boa. Diz que é ecologicamente correto: só consome etanol.

No meio da tarde, ajudo Gilmar a levar as roupas para a casa da irmã. Não sei o que falar para ele, fico quieto. Gilmar me conta que a mãe lhe deu hoje um tapa na cara. Ele é sangue bom, coração maior que ele. Esses, e mais o Caolho, são os amigos de infância que me restam. Rafael, Baiano, Rogério, Daniel, acho que uns nove amigos que eu tinha desde pequeno, se meteram com o tráfico e morreram.

Passo em casa e minha avó fala que o primo Dejan, que trabalha na construção civil em São Paulo, pode me arrumar um emprego que pague mais. Prometo que vou pensar. Não sei se é bom sair agora que vai nascer o meu irmãozinho. Acho que devo ficar e ajudar a minha mãe. Eu faço assim: ganho 420 reais. Com os descontos, dá 168 reais por quinzena. A primeira quinzena eu entrego para minha mãe. Com a segunda, pago a conta da luz e trato da minha vida. O resto das despesas meu padrasto, o Paulo, é quem paga, porque a minha mãe não trabalha. Acho que é por causa da depressão. Ela toma uns remédios tarja-preta. Acho que a gravidez dela, por causa desses remédios, é de risco. E da idade, claro.

Esperei um pouco por causa de mais um tiroteio. Durou pouco. Deu para sair rapidinho e ir à lan-house ver os recados no Orkut. Um deles era de uma cliente do mercado que mora em Curitiba. Ela me conta que está morrendo de saudade do Rio, e que talvez venha em setembro. Na saída, encontro o Mau-Mau, um amigo, com dois dentes quebrados. Ele gosta de uma garota que tem um namorado. Mau-Mau é muito religioso, está sempre na igreja. Na verdade não é bem uma igreja, fica numa garagem. Lá, ele falou para o cara largar a garota porque Deus tinha dito que ele, Mau-Mau, é que ia ser o namorado dela. O cara quebrou os dentes dele, e ainda o deixou com um olho roxo. Que história para terminar a folga...

**TERÇA-FEIRA** Saio para o trabalho debaixo de bronca da minha avó. Ela acha que, ontem à noite, fiquei assistindo televisão e não falei com ela direito. Na minha rua está cheio de gente com fuzil na mão. Acho que vai ter guerra hoje.

No trabalho a coisa também não vai bem. Mal eu chego e um colega, o Caveirão, me conta que quase saiu pancada

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

entre ele e o Capitão Sujeira, outro colega do Laticínios, por causa de limpeza ali na área de trabalho. O Caveirão foi falar para o Capitão que ali não era o lixão da casa dele, que ali precisava ser limpo, essas coisas. O Capitão ficou bolado. Pouco depois, o Capitão brigou com a demonstradora de queijo que trabalha com a gente. Ela mandou ele tomar um banho, escovar os dentes e lavar a camisa. Fechou o tempo.

Hoje decidi não jantar. Aquela caminhada até o posto 5 às vezes desanima. Comprei um pacote de biscoitos e fui passear um pouco na orla, para sentir aquele cheiro de mar. Assisti a três moleques de rua roubarem um sanduíche e um suco das mãos de um turista e voltei para o trabalho. Não sei por que, mas sempre achei que essas coisas só acontecessem na África.

Entro no Laticínios e a padeira vem por trás e pega uma azeitona do balcão frigorífico. Quando se virou para voltar à padaria, o segurança já estava chegando. Ele tinha visto e deu a maior bronca nela. Dia carregado.

**SEXTA-FEIRA** Estou muito cansado. Acho que dormi mal. Cochilei várias vezes no trem e no ônibus. O dia foi todo complicado. De madrugada, quando estava voltando para casa, depois de já ter saído do ônibus, ouvi os gritos de uma mulher. Ela saía de casa puxando uma garota, que estava passando mal. Ela tomou remédio para tirar o bebê, mas a gravidez estava muito adiantada. Um vizinho levou elas de carro para o hospital. Fiquei pensando nisso e na gravidez da minha mãe antes de dormir.

**SÁBADO** O Caveirão, não o meu colega, o blindado da PM, chegou cedo hoje na favela. Teve muito tiro, mas na hora de sair já tinha terminado tudo.

No trabalho, parece que vai ter festa. O gerente vem me dar os parabéns porque o Laticínios da nossa loja foi o que mais vendeu em julho. Está todo mundo feliz porque vai ganhar um dinheiro a mais este mês. Mas só quem tem mais de seis meses de trabalho. Eu não ganho: só tenho um mês e meio. Mas não vou perder essa. Aproveito e peço ao gerente para trabalhar mais cedo no domingo, porque está perigoso nos fins de semana lá na Vila. Ele topou, vai ser das 10 às 22 horas. Vou chegar cedo em casa.

**TERÇA-FEIRA** O dia hoje é de pouco movimento. É quando demoram mais a passar as horas de trabalho. Pelo menos foi divertido, porque tem um funcionário novo na minha seção. Tem pouco mais de um mês que veio de Alagoas. Sorte dele que já conseguiu emprego. Falei para ele que, no Rio, mulher a gente chama de "mandioca". Ele acreditou e me disse que, no domingo, pegou "duas mandiocas" no forró.

**QUARTA-FEIRA** Amanheço com gripe e um pouco de febre. Pode ser por causa do trabalho atrás daquele balcão frigorífico. Não é nada. Vou ao banco pegar a minha quinquena e volto para casa. Minha mãe quer dinheiro para comprar um caderno novo para o meu irmão. O dele está com só duas folhas em branco.

Saio para o trabalho e encontro com um garoto da favela. Ele tem uns 13 anos, é amigo do meu irmão. Chega perto e me pede um real para comprar um pão, porque não tinha comido nada ainda. Caderno, pão, ainda bem que recebi a quinquena.

No trabalho descubro que o funcionário novo continua acreditando em tudo. Já contei para ele que a história da "mandioca" foi só sacanagem, mas um colega disse para ele que ele vai ganhar muito dinheiro. Daqui uns três meses, já vai poder comprar uma moto, ele disse. Só não disseram que é uma moto de brinquedo, e ele está fazendo planos de trazer a namorada de Alagoas para o Rio.

São 17 horas, a hora das mulheres que queimaram calorias nas academias aparecerem para recompor as calorias. Só compram importados. Daqui a mais ou menos uma hora, um pouco mais, vão chegar os musculosos. Os homens vêm da malhação e compram peito de peru light. São mais preocupados que as mulheres com essa coisa de produtos light.

É também a hora dos estudantes e das velhinhas que compram comigo. A garotada fala sem a gente perguntar: "Aí, cara, tá vendo isso aí que eu tô comprando? É a minha janta, podes crer". As velhinhas dizem: "Meu filho, isso aí é

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

para eu lanchar antes de dormir". Quase sempre compram um pouco de mortadela.

Às 19 horas começam a chegar os engravatados e as mães com filhos. Elas compram de tudo e dizem que, se não forem até em casa segurando os pacotes, as crianças comem tudo pelo caminho. O pessoal que chega de terno e gravata é engraçado. Eles compram peito de peru e queijo minas light. Quando compram presunto, sempre pedem uma fatia para provar. Pelo movimento, quarta e sábado são os dias de renovar os estoques na geladeira da casa dos clientes.

Mais tarde, lá pelas 22 horas, ainda vão chegar as pessoas que saíram da casa dos pais para morar sozinhas. Antes de comprar, muitas ligam para as mães pelo celular e fazem umas consultas. Quase sempre acabam comprando só queijo e presunto.

O movimento só diminui por volta das 23 horas, depois da briga do pão quente. A padaria é aqui ao lado do Laticínios, e eu fico só olhando. Às vezes, quando chega o pão novo, e tem muita gente esperando, parece que essas pessoas passaram o dia sem comer. E são sempre as mesmas.

**QUINTA-FEIRA** Estou com dor no corpo. Minha mãe pede o restante da quinzena para pagar uma conta de luz. O trem hoje está freqüentado. Tem três pedintes: um cego com as filhas, uma senhora que quer esmola e um senhor com um bebê. Diz que a criança está doente e ele precisa de dinheiro para os remédios. Tudo isso num vagão só.

Já chego ao trabalho cansado. Às 17 horas, a loja enche de estudantes, velhinhos e o povo que vem das academias. Hoje todos querem queijo prato.

Perto das 20 horas, um funcionário do açougue passa e diz que vai "secar" o Flamengo no jogo. Ele é vascaíno, mas não deu certo e o Flamengo ganhou.

Vinte e três horas é a hora dos solitários. A maioria é de homens e são quase sempre os mesmos. Hoje uma mulher falou comigo sobre a guerra do Iraque. Guerra é sempre uma barbaridade.

Quando desço do ônibus tem quatro caras estranhos do outro lado da rua. Resolvo tomar um caminho contrário ao da minha casa. Não estou a fim de passar por eles.

**SEXTA-FEIRA** Minha avó me acorda. Minha mãe está sentindo as dores do parto. É o bebê. Mas a mãe diz que não está na hora, e me manda ao supermercado Guanabara pagar duas parcelas das compras do mês. Arroz, feijão, carne, farinha. A conta de casa é alta. É muita gente.

Como somos cinco, com duas crianças, e mais um por chegar a qualquer momento, este mês está difícil. Por causa do bebê, tivemos compras extras: berço, fraldas e roupas para ele.

Começo a trabalhar às 16 horas. É a hora das empregadas domésticas que trabalham no final de semana. Elas sempre compram azeite, queijo prato, mortadela, salaminho, presunto, queijo minas. Sempre acima de meio quilo.

Às 18 horas são os casais que nunca sabem direito o que levar para casa no fim de semana. Olham tudo, perguntam, e muitas vezes não compram nada. É também a hora do pessoal que sai da praia e vai jantar frios ou sanduíche.

Bem mais tarde, lá por volta das 21 horas, chegam as pessoas que vieram passar o fim de semana no Rio. Compram de tudo que está à venda no Laticínios, e sempre dizem que eu tenho sorte de morar no Rio.

É engraçado o que a gente descobre das pessoas. Os solteiros também aparecem nas sextas-feiras. Trabalham a semana inteira, e na folga não querem saber de arroz. Levam azeitonas, queijo prato, presunto. Quase sempre meio quilo.

Os artistas e os casais gays chegam lá pelas 23 horas, fazem muita piada. Os gays sempre dão um jeito de falar

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

alguma brincadeira sobre sexo. Não digo nada. Os artistas repetem a pergunta sobre quanto tempo os frios duram na geladeira. Depende, eu digo. Se não ficarem muito tempo fora do gelo, enquanto a pessoa está comendo, podem durar bastante, uma semana.

Estou quase chegando em casa quando encontro minha mãe e meu padrasto. Estão a caminho do hospital. O meu irmão vai nascer. Mais de 4 da manhã e uma enfermeira traz um recado da minha mãe: eu e meu padrasto devemos ir para casa porque o bebê não vai nascer ainda.

**SÁBADO** Nasceu de manhã cedo. Meu padrasto me acorda com a notícia. O cara nasceu com 4 quilos e 50 gramas. Mede 50 centímetros. É grandão. Nem sei qual foi o meu peso quando nasci. Fico feliz que correu tudo bem. Minha mãe falou para o Paulo que esse deu mais trabalho, ela sentiu dores por mais tempo. Pena que só vou poder ir ao hospital amanhã.

Hoje é o dia de maior movimento. Gente de todo o tipo. Solitários, casais, gente da minha idade, domésticas, estrangeiros, pessoas que fazem as compras da semana, do mês e, no final, passam ali no balcão para completar com frios e queijos. É dia de compra grande. Tem gente que leva mais de 2 quilos de presunto e queijo. É uma loucura, a fila não diminui, sai um, entra outro. Tem casais que se encontram nos fins de semana. Dá para perceber, porque ficam na fila se beijando o tempo todo. É engraçado adivinhar a vida das pessoas.

**DOMINGO** Acordo às 10 horas, ansioso para ir ver o meu irmão. Preciso esperar até as 2 da tarde, que é o horário de visitas, e parece que o tempo em casa não passa. Pouco depois de meio-dia, saio finalmente para o hospital Albert Schweitzer com o meu padrasto. Não é longe. A maternidade fica no 10o andar e a fila do elevador está enorme. Tento subir correndo pelas escadas, mas o fôlego termina no 3o andar. É melhor seguir devagar.

No quarto 1004 está a minha mãe, sorridente, com meu irmão. Ele é grande e cabeludo. Nasceu com as unhas tão grandes que arranhou a cara toda na primeira noite. Agora botaram umas luvinhas nele, para não se machucar mais. Tento pegar ele, mas foi só abrir o olho e começou a chorar. Só aceita a minha mãe.

Uma horinha só e acaba a visita. Volto para casa e fico pensando na minha família. Minha mãe não trabalha e meu padrasto tem 44 anos. Se ele sair do emprego, ninguém mais vai dar trabalho para ele. A responsabilidade pela família vai sobrar para mim. Acho que o meu dinheiro para o pré-vestibular vai para um preparatório para concurso público. O meu sonho mudou hoje, e vai ficar para mais tarde. Mas eu vou realizar, nem que demore 50 anos eu vou ser ortopedista.

Começo a arrumar a casa para parar de pensar no futuro. Dou um banho na minha irmã, boto toda a roupa suja na lavadora e vou para a rua conversar um pouco com os amigos. Eles estão muito animados, contam da festa que eu perdi, que só faltava eu, essas coisas. Acabei voltando para casa, para não deixar a minha avó sozinha com os meus irmãos, que são uns bagunceiros.

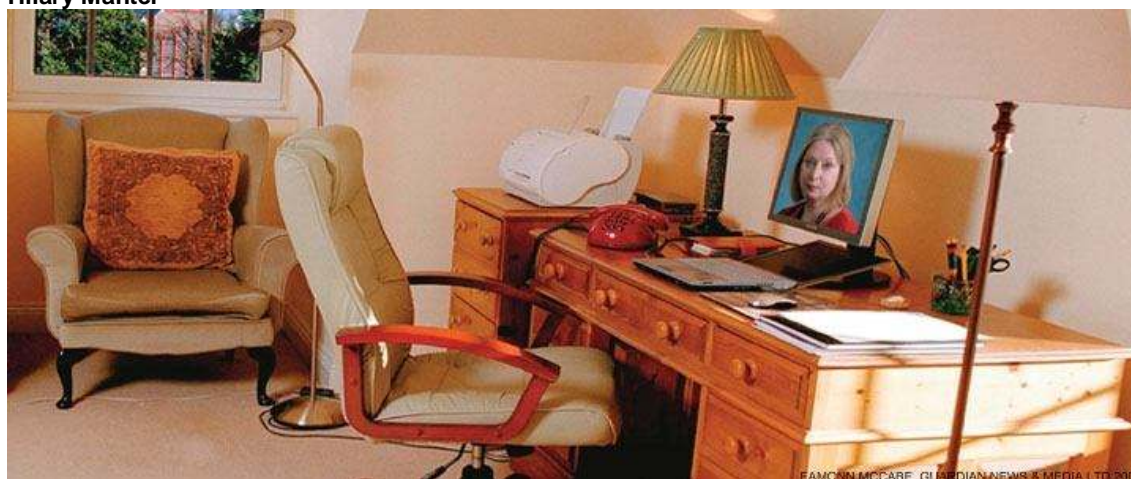
Paro um pouco para conversar com a minha avó. Ela acaba me dizendo que a "vida é dura para quem é mole" e diz que eu tenho que fazer por onde para ser recompensado. Já ouvi muito isso. Vou dormir. ☆



### ANEXO B – Seção diário - piauí\_26 – novembro 2008

## ABCESSOS, ADERÊNCIAS, PERFURAÇÕES: NUNCA ME SENTI TÃO SÓ

Hilary Mantel



*Ficcionista e ensaísta inglesa, HILARY MANTEL, 56 anos, formou-se em direito, foi vendedora, trabalhou num hospital e viveu em Botsuana e na Arábia Saudita antes de se tornar escritora. Ela mora em Surrey, nos arredores de Londres, com o marido, o geólogo Gerald McEwen.*

**SEIS HORAS, NUMA TARDE ENEVOADA DE DOMINGO DO FIM DE JUNHO** Levanto os olhos do meu livro e vejo o meu marido no outro lado do quarto, fraco e cinza de dor. O que fazer? Se até há poucos anos era impossível, num domingo britânico, comprar cenouras ou assistir a uma peça, hoje em dia ninguém pode cair doente, a menos que esteja preparado para uma longa e incerta espera pelo atendimento domiciliar do serviço público de saúde. Ir a um pronto-socorro? Talvez isso possa ser evitado. Algumas semanas atrás, ele também sentiu uma dor feito essa e uma radiografia abdominal não mostrou nada de sério. Meu marido está deitado. A dor diminui. Passamos uma noite agitada enquanto ele se remexe e balbucia, à espera da segunda-feira, um dia mais conveniente para ter uma crise.

**FINAL DA TARDE DE SEGUNDA-FEIRA** Ele se consulta com seu médico do serviço de saúde. O doutor o envia para o hospital com um bilhete. Agora, ele mal consegue se manter de pé. Vinte e quatro horas depois do primeiro ataque está deitado, branco que nem papel, sobre uma maca com rodinhas no serviço de emergência. É uma noite comum, bastante silenciosa - nada daquelas gritarias de briga de bairro pobre, nenhum bêbado aqui em Surrey. No entanto, minutos depois da chegada, a gente já sente que deslizou para a miséria e a imundície. Todo mundo está assustado, todo mundo sofre ou toma conta de alguém que sofre. Não existe privacidade e o pânico é poliglota. Avisos oferecem intérpretes, tradutores, sinalizadores, mas na prática os funcionários se limitam a berrar. É uma noção estranha de emergência, essa daqui. Não aparece nenhum médico. Não há nenhum alívio para a dor. Não há nenhuma informação.

As horas passam. Fechamos a cortina à nossa volta. Ficamos de mãos dadas. Nossa respiração parece sincronizar-se. Não há nada a dizer nem para fazer. Não é apendicite, como sugeriu o médico - a dor está se deslocando para o

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

lado errado. De vez em quando puxo a cortina para o lado, chamo alguém. "Logo, logo", respondem. "Já estou indo." "Já vai." Em seguida, somem e nunca mais os vejo. Colocam um anestésico gotejando na sua veia. Dez minutos depois, o retiram. Empurram a maca, ele é levado para o raio X. Agora sente dor quando se mexe. Acho que pode morrer. Em toda parte à minha volta, dentro dos cubículos, o passado vai se fechando, vidas vão sendo desarmadas como barracas, e têm início as viagens rumo a novos acampamentos de doença, de invalidez, de perda de consciência. Na baía ao lado, ouço um homem - um filho, talvez, já um senhor - falando com uma mulher mais velha: suas vozes educadas, gentis, cansadas, vozes de pessoas que já tiveram tempos melhores.

- Agora a senhora vai ter de ir para um asilo - diz ele. - Aquele lugar que nós vimos. Só por um tempo. Vai ser bom. Se vier para casa dessa vez já não vou poder cuidar da senhora, entende? Eu mesmo vou ter de ficar no hospital. E aí, onde a senhora vai ficar?

- Estou me sentindo bem - diz ela.

- Então por que vive caindo?

- Não sei - responde ela, com tristeza.

Um médico jovem aparece, afinal. Dedos examinadores. "Pode ser diverticulite", diz ele. Eu sei o que é isso - antes assim, já que ninguém explica mesmo. "Primeiro você vai tomar antibióticos", eu sussurro. Passam-se mais algumas horas.

**ONZE DA NOITE** Encontram um leito. Um maqueiro e uma enfermeira vêm para carregá-lo por um corredor interminável. Mais tarde, ouço os funcionários chamarem o lugar de Corredor da Morte. Tenho de me apressar para acompanhar o ritmo dos passos da enfermeira. Será que consigo ganhar a simpatia dela? Será que vai me dizer o que acontecerá agora? Será que pelo menos consigo fazer com que olhe para mim? Ela é jovem, atarracada e pálida, e a revolta exala pelos poros. Já aprendi uma coisa: se a gente for impositivo, os funcionários se irritam; se a gente for delicado e simpático, eles nem querem saber da gente.

Trabalhei num hospital, conheço a necessidade de um escudo de profissionalismo. Mas isto aqui não é profissionalismo: é hostilidade e raiva por ter de andar pelo Corredor da Morte já tarde da noite, com uma mulher sem fôlego ao lado, que não pára de rodar a aliança de casamento no dedo. Não quero muita coisa, não quero que ela faça uma promessa; quero proteger o meu marido, saber onde está indo para que eu possa achá-lo depois, e quero receber a consideração de uma palavra humana. Por fim, de modo arrasador, ela diz: "Isso é o que a gente chama de diverticulite." E é quase irresistível o impulso de responder: "Isso é o que a gente chama de um murro na cara." Ela encolhe os ombros. "É dessa doença que a gente vai tratar o seu marido."

No posto de enfermagem, ele tem de responder a um questionário. Está com aparelho auditivo? Usa andador? É preciso preencher as fichas, eu sei, mas ali está um homem de meia-idade, forte e sadio, a não ser pela dor que o faz suar frio. O médico que o viu não deixou nada receitado no papel, nem analgésico, nem antibiótico; o tormento dele foi levado para outro local, só isso, e o médico vai ter de vir outra vez. A dama do questionário rabisca o nosso endereço: Florence Court. Sai escrito "Florence". É melhor nem falar para ela de Florence Nightingale, a fundadora da enfermagem moderna.

À meia-noite e meia, saio e me abrigo embaixo da marquise do prédio, à espera de um táxi para ir para casa. Essa ala do hospital é uma construção precária da década de 70 que parece querer esfolar a própria pele. Tudo nela está manchado, mofado, descascado. Uma escuridão molhada esbofeteia os prédios. Colina abaixo, faróis rastejam pela avenida principal. Acho que o motorista do táxi se perdeu, o que é mais do que provável. Nunca me senti tão sozinha na vida.

**TERÇA-FEIRA** Ele espera o resultado dos exames até quase o final da tarde. Dou início ao que logo será a minha rotina: manhã de telefonemas inúteis, das duas às quatro da tarde ficar na enfermaria, das seis às oito da noite de novo na enfermaria. O intervalo eu passo numa área de espera, enquanto os olhos repassam mil vezes pelo mesmo parágrafo de jornal.

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

O prédio abriga um serviço pré-natal e outro de maternidade, com alas de cirurgia espremidas nos intervalos. Visitantes idosos de faces exauridas, brandindo um cravo na mão, se misturam com barulhentas festas de família. Aqueles que daqui a pouco estarão de luto navegam para cima e para baixo em elevadores onde flutuam balões de gás coloridos. Do meu canto, vejo as futuras mães capengando pelos tapetes sebosos, no grotesco estágio final da gravidez.

Pela primeira vez, noto que algumas mulheres grávidas não se expandem para os lados, mas crescem para a frente, numa ponta. Observo o rosto delas, enquanto manobram para passar pela porta vai-e-vem. Isso aqui não é um bom lugar para trazer um filho ao mundo. Aqui morrem mulheres. Fizeram investigações, prometeram fazer melhorias, reformar tudo; isso não me traria consolo, acho.

De vez em quando, pais em estupor saem carregando recém-nascidos nos braços, ou mães recentes irrompem pela porta sacudindo um bebê para lá e para cá como um saco de guloseimas. Lembro quando os recém-nascidos eram miudinhos e ficavam enrolados em mantinhas de tricô. Esses cavalões mal cabem nas roupas. Já vêm com um boné de beisebol enterrado na cabeça careca. Li que os bebês estão ficando maiores e estou vendo que é mesmo verdade, mas não sabia que tinham um aspecto tão perigoso.

Às 19h30, aparece o cirurgião. "Como vai?", pergunta ao meu marido. "Bem", responde ele automaticamente. O cirurgião examina as chapas. Ri, incrédulo. Balança a cabeça: "Não é uma coisa à toa, não."

O caminho do hospital para casa se estende por ruazinhas apertadas, cheias de árvores, e por vias secundárias ao estilo dos poemas de Betjeman, enquanto um sol enviesado arde nas margens cheias de capim. É um anoitecer bonito, mas estou com bastante frio. Não durmo muito.

**QUARTA-FEIRA** Telefone bem cedo para pegar o pessoal da noite, antes da troca de turno. Dizem-me que ele passou uma noite "confortável". Por experiência, sei que só existem três possibilidades para um paciente de hospital: confortável, mal ou morto, e me admiro que ainda não tenham atualizado as fórmulas. Depois, ele mesmo telefona para mim; deve ir para a sala de cirurgia às 9h30. Mais tarde, irá me contar como o anestesista lhe perguntou:

- Em que lugar você foi feliz? Para onde gostaria de ir?

- Botsuana - respondeu.

- Muito bem. Você está a caminho de lá.

Pensou que estava olhando para o céu, por baixo de um pé de jacarandá. É a última coisa de que se lembra. Um dos meus irmãos fica em casa comigo, enquanto espero notícias. Não vou ao hospital porque é grande demais e, uma vez lá, não tenho como ter certeza de estar na área certa para obter as notícias sobre o meu marido. Além disso a experiência do dia anterior me ensinou que eu não era muito bem-vinda.

No meio da tarde, ninguém me telefonou ainda. Deduzo que não veio nenhum boletim da sala de cirurgia. Mas sem dúvida a cirurgia já terminou, não é? Gostaria de saber não tanto como ele está, mas onde está. Começo a desconfiar de que ele foi tão longe que pode não voltar nunca mais. Quando telefono para o setor que diz estar à espera dele, respondem que não podem me dizer nada. Ainda deve estar na sala de cirurgia, me dizem. Mas está bem claro que não dão a menor bola, não é da conta deles. Será que simplesmente esqueceram o meu marido em algum lugar? Parece possível. Anotam o meu telefone e dizem que vão ligar, se ele aparecer. Mas dessa vez não acredito em nenhuma palavra. Cinco da tarde um homem irritado atende o telefone e me dá um fora:

- Toda vez que a senhora telefona, afasta a gente dos nossos pacientes.

O que se pode falar numa situação dessas? Falar do cardeal Wolsey, de Werner Herzog, do fato de meus irmãos não gostarem de pepino? O cirurgião falou de uma infecção volumosa, de abscessos, aderências, perfurações. Mas uma salada verde e diretores de filmes esquisitos ajudam a gente a tocar o barco por mais um bom tempo.

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

- Fassbinder era um tremendo doidão - diz meu irmão. - E eu também não vejo o menor sentido em comer alface. Este é o pior dia da minha vida.

**POR VOLTA DAS 19H30**\_Toca o telefone. Uma voz firme, amigável: uma enfermeira-chefe da UTI. Assim que ela começa a falar, uma coisa estala dentro de mim, saio dos trilhos da morte e entro nos trilhos da vida.

- Se a senhora vier agora, poderá vê-lo.

Meu marido está no outro lado do hospital e a gente se perdeu. É um prédio desnorteante, que se ergue sem planejamento nenhum num terreno cheio de mato. Deparamos com paredes nuas, com janelas, mas nenhuma porta, olhamos espantados e damos de cara com enfermarias onde os doentes olham para a gente com espanto. Quando encontramos a UTI, a enfermeira-chefe, nem um pouco irritada com o nosso atraso, nos embrulha em aventais cirúrgicos. Lá dentro, não há dia nem noite, mas um silêncio solene, os reconfortantes zumbidos e pios de aparelhos. O paciente está acordado e faz piadas. Olhamos para ele, boquiabertos e quase sem fôlego. Naquela situação, não contamos ao doente as horas que passamos, a estranha textura daquelas horas, como as gotas da aflição pingaram pouco a pouco dentro das nossas veias, e depois o medo e a desolação. Ao sair, dizemos:

- Vamos pela porta principal, assim a gente vai saber como chegar aqui amanhã.

Mas aí aconteceu que perdemos o carro.

- Você fica aqui - diz meu irmão - e eu vou procurar o carro, depois apanho você.

Magro, ágil, lá vai ele, e parece ir em todas as direções ao mesmo tempo. Enquanto espero na beira da rua, com as coisas do meu marido a meus pés, vejo carros que circulam e, cada vez que vejo um voltando, a cara do motorista ficou mais perplexa, desesperada, furiosa. Meu irmão encontra um médico gentil que tenta explicar um atalho.

- Você tem de passar por aquela portinha.

E do outro lado daquela porta, o que é que a gente ia achar? Talvez a réplica de um hospitalzinho, com pacientezinhos do tamanho de alfinetes, com ferimentos e lesões que requerem uma lente de aumento para ser vistos.

**QUINTA-FEIRA**\_Me dou conta de que quase não comi nada desde o almoço de segunda-feira. Como amendoins, passas com chocolate, diminutos incrementos de nutrição, a título de recompensa por eu ter feito alguns truques. Durante dois dias na UTI, o doente é vigiado cada minuto do dia e da noite. Não tem dor. Ninguém poderia ser mais atento ou competente do que essas enfermeiras. Estou até cansada de tanto elogiá-las.

À medida que ele desce de lá, alguns dias depois, seguindo a hierarquia, da Unidade de Terapia Intensiva para a Unidade Semi-intensiva, e daí para uma enfermaria cirúrgica ao lado do Corredor da Morte, os cuidados se tornam mais superficiais, os quartos mais sujos, os funcionários mais petulantes e alheios. Antigamente, as freiras exerciam o que se chamava de "custódia dos olhos". Constato que as enfermeiras modernas também fazem isso, mas, em lugar do olhar modesto das freiras, de rosto abaixado, usam um olhar fixo e com antolhos. Ao entrar numa enfermaria com seis pacientes, seria natural lançar um olhar em redor para ver se não há ninguém à beira de cair da cama, ou de vomitar, ou de morrer. Mas essas donzelas marcham direto rumo ao seu objetivo, para executar a tarefa prevista, pegar algum equipamento ou fazer anotações numa ficha. Se olhassem para a esquerda ou para a direita, talvez vissem alguma coisa que precisasse ser feita, alguma coisa extra. Reparo que elas nunca olham para um parente ou um visitante, seu olhar se esquivava da sua silhueta, ou olham por cima das suas cabeças. Se esses forasteiros fossem percebidos, poderiam querer alguma coisa: poderiam fazer alguma pergunta. Vejo um médico mais velho, todo irritado, investindo contra um bando de enfermeiras, atirando papéis em cima delas. "Quem foi que escreveu isso aqui? Quem é o responsável? Quero saber agora." As enfermeiras dão de ombros e sorriem com ar debochado. Nem olham para ele, não falam nada, apenas sorriem daquele jeito falso,

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

disparam olhares gaiatos umas para as outras, até que o médico desiste e some dali.

O dinheiro não vai dar um jeito nisso, acho. Nem a redistribuição de recursos, nem uma reforma política. É uma questão de gente. Será possível que o fracasso não seja só do sistema de saúde, mas do sistema de educação, que fabricou essa gente? Ou o fracasso é mais profundo? Será que as enfermeiras desprezam os pacientes (e seus familiares) por causa da sua carência? Será que estão secretamente revoltadas com o seu trabalho e se vingam com a intolerância, com o arrastar de pés, com o olhar para o lado e com o dar de ombros?

A semana inteira, minha luta é esta: não dirigir minha raiva e minha aflição para os alvos errados. A paciência obstinada e sorridente, acredito, tem de me levar a algum lugar. Mas que tipo de enfermeira despeja um paciente novo na enfermaria, como se fosse um embrulho, em cima do primeiro leito que aparece, sem colocar ali do lado sequer uma garrafa de água? Quem se "esquece" de dar a morfina líquida prescrita e dispara "Ele já tomou a sua pílula!", quando avisam que um paciente está com dores?

Na época em que eu estava crescendo, as pessoas diziam: "Onde não há juízo, não há sentimentos." Antigamente, eu achava que era um pensamento severo demais, mas estou vendo que é verdade. Nos últimos dias, boa parte do sofrimento que presenciei e experimentei foi causada não pelo corpo humano, à medida que serpenteia na direção da morte ou avança por suas trilhas secretas e autodestrutivas, mas sim pela estupidez festiva dos indivíduos que encontrei. E não sei se, no final desse processo, eu, que estou voltando à tona casada e não viúva, também não vou voltar à tona como uma pessoa pior, mais cínica, mais intolerante e mais egoísta, uma mulher que só tem olhos para o que é seu.

**É A SEMANA FINAL DE WIMBLEDON** Em todo o hospital, nas televisões faiscantes, suspensas em suportes de parede, figuras brancas se atiram para lá e para cá, dentro de uma neblina. A notícia da vitória de Venus Williams alcança até a Unidade de Terapia Semi-intensiva e é recebida com apatia. A chuva suspende o jogo. O meu amado está vomitando uma gosma verde. Um velho todo cheio de tubos espetados grita:

- Não estou passando bem!

Seus filhos estão parados ao pé da cama e gritam para ele:

- Pai, você vai ficar bem! Você fez uma operação!

- Não estou passando bem!

- Vai melhorar daqui a pouco.

- Não vou! Fiz uma operação!

As delícias da enfermaria comum ainda estão à nossa frente. Lá, todo mundo berra. Todas as rodinhas das macas e carrinhos guincham e as portas dos armários, toda vez que são fechadas, estalam *pac pac* como dois tiros de pistola geminados. Uma torneira pinga, *pim pim pim*, abrindo caminho à força no meio do estrondo geral. Rastreio a direção de onde vem o barulho e localizo uma bacia suja numa alcova por trás de um leito.

No térreo, na sala de espera, a taxa de agitação da maternidade continua alta durante todo o fim de semana. Arranjei um lugar fixo para ficar - como a gente faz numa biblioteca -, um reduto de onde inspeciono os movimentos em cena e de onde emergo a fim de orientar visitantes e pacientes desamparadamente perdidos.

**DE NOVO É DOMINGO, SEIS DA TARDE** O hospital em miniatura agora está alojado dentro do meu corpo, atrás do coração. Levanto os olhos e vejo, rolando para fora dos elevadores e através do saguão, o pesadelo dos leitores do tablóide *Daily Mail*. Ela parece ter 16 anos, rosto pálido, pernas nuas ossudas e azuis, a luz cintila *nospiercings*. Já teve o filho e o seu roupão folgado esvoaça em volta do corpo. Parada embaixo do toldo, contempla os ondulantes matizes cinza-esverdeados do verão inglês. Com a mão, esfrega a cicatriz da cesariana; com a outra,

## **TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I**

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

mete um cigarro na boca. Inclina-se, uma figura saída de um mito, as rajadas de chuva são o seu pano de fundo: inexpressiva, olha fixo para a chuva, uma Britânia abatida, o vento sopra e espalha sua fumaça. 🌟

## **ANEXO C – Seção diário - piauí\_33 – junho 2009**

### **SAINDO DAS TREVAS**

**Daphne Merkin**



**FINAL DE JUNHO DE 2008** Dia luminoso. O sol brilha à plena força, o céu exibe um azul límpido. Estou deitada de costas na grama, ouvindo o chilreio intermitente dos passarinhos; meus olhos estão fechados, para melhor saborear a sensação de calor no rosto.

Nos cerca de vinte minutos ao ar livre depois do almoço (um dos quatro momentos do dia em que a rotina é interrompida desse modo), tento esquecer onde estou. Me imagino num outro lugar, e não neste jardim calçado de concreto e cercado de arame, limitado de um lado por um viaduto e do outro por uma perimetral, com alguns canteiros verdes e poucas flores solitárias. Meus movimentos são vigiados por uma assistente psiquiátrica mais ou menos amistosa.

Vejo R., a mais recente integrante da nossa tribo disfuncional de doze pessoas da unidade 4c, sentada num banco com uma camisa pólo de caxemira totalmente inadequada para a estação. À sua volta circulam pessoas de outras alas do hospital. A unidade onde me encontro é voltada principalmente para o tratamento de pacientes com depressão ou distúrbios alimentares. O meu grupo quase não tem contato com as outras unidades. Podíamos estar em planetas diferentes. A depressão em si já cria um planeta próprio, praticamente impermeável à influência dos outros, exceto quando alguma presença espectral insistir para você voltar ao mundo, alugar um filme, sair para comer alguma coisa, se animar um pouco.

Internei-me no hospital dez dias atrás, depois de seis meses ladeira abaixo.

A depressão - essa gosma densa e negra do desalento - estava longe de ser uma novidade na minha vida. Desde a infância vinha batalhando contra ela, como se ao sair do ventre me tivessem envolvido num cobertor cinzento e áspero, em vez da manta de algodão macio, em tom pastel. Não acho que tenha sido um bebê triste, a julgar pelas fotos em que apareço com um ar moleque, os olhos brilhantes e sorriso aberto. Ainda assim, quem sabe se já não estava adotando a máscara de bem-estar que todo deprimido aprende a usar para poder navegar pelo mundo?

O que sei é que aos 5 ou 6 anos de idade, com meu macacão de veludo e correndo de um lado para outro, comecei a ficar apreensiva com o futuro que me esperava. Sentia que os fatos não tinham conspirado a meu favor por muitos motivos, entre eles o fato de haver na minha família crianças demais e pouca atenção que desse conta de todas. Aos 8 anos, não queria mais ir à escola, devido à mistura de medo e ansiedade de separação. Aos 10, fui internada

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

porque chorava o tempo todo.

Adulta, sempre me perguntava como me sentiria se fosse uma pessoa com uma visão mais luminosa das coisas. Alguém que possuísse as ilusões necessárias, sem as quais a vida é insuportável. Alguém que conseguisse se levantar pela manhã sem se deixar aprisionar por pensamentos melancólicos: *Não adianta, é tarde demais, sempre foi tarde demais. Desista, volte para a cama, não adianta. Tanta coisa a fazer. Nada a fazer. Não adianta.*

Era essa sem dúvida a pior parte: não ter como fugir da realidade de ser quem você é, uma pessoa que sempre percebe o limo negro impregnado nos tijolos, os defeitos dos amigos. Como o sangue, a tristeza que corre por baixo da pele das coisas começa como um filete mínimo e termina como uma hemorragia, manchando tudo.

Já faz quase quatro décadas que frequento consultórios de terapeutas e falo do meu desejo de morrer, da mesma maneira que outras pessoas falam, por exemplo, de sua vontade de ter um caso amoroso. Sei o quanto o terror silencioso da depressão nunca se dissipa por inteiro depois que se passa por ele. Ele fica a pairar, temporariamente aplacado pela medicação e a energia renovada, esperando o momento de voltar a se infiltrar na sua vida. Ele se instala no espaço por trás dos seus olhos, fazendo sentir a sua presença mesmo nos momentos em que assuntos mais leves ocupam o primeiro plano da sua mente. Ele se aferra a você e puxa o seu braço, impedindo-o de se sentir totalmente à vontade.

**31 DE DEZEMBRO DE 2007**\_Minha crise mais recente, que me fez pousar no Instituto Psiquiátrico do Estado de Nova York, começou na véspera de Ano-Novo. Apesar de me sentir tomada por uma disposição soturna, consegui me maquiar, me vestir, prender os brincos de pérola às orelhas e seguir para um jantar onde falamos de assuntos corriqueiros - crianças, escolas, peças a assistir, as razões de viver.

Mas, ao mesmo tempo em que conversava e ria, meus pensamentos continuavam sombrios e desordenados, implacáveis em seus botes letais. *Você é uma fracassada. Um peso para os outros. Inútil. Pior que inútil: imprestável.* Pouco depois da meia-noite, assisti aos fogos de artifício sobre o Central Park e contemplei as explosões de cor - vermelho, branco e azul, meandros velozes de verde, tiras de púrpura, bolas de prata, centelhas douradas. Minha filha de 17 anos, Zoë, estava ao meu lado e enderecei minhas súplicas aos céus. *Quero melhorar. Quero conseguir ir em frente. Prestar atenção nos apelos simples que me prendem à vida, aos recados gravados na secretária eletrônica dizendo para me animar, recados do ex, dos irmãos, das pessoas que gostam de mim.*

**JANEIRO DE 2008**\_Passei os seis meses seguintes combatendo a depressão com todos os meios ao meu alcance, refugiando-me no narcótico da leitura, aceitando algumas encomendas de textos (que entreguei todos com semanas, quando não meses, de atraso), saindo para jantar com amigos, dando aulas num curso de composição literária e até fazendo uma viagem a St. Tropez com uma amiga. Engolia meu coquetel costumeiro de antidepressivos - Lamictal, Risperdal, Wellbutrin e Lexapro - e usava um adesivo de Lemsam. Não passo um período livre de psicotrópicos desde meus vinte e poucos anos. E não foi uma fase passageira que uma agenda repleta de distrações e remédios pudesse atenuar.

Nas semanas que antecederam minha internação já não conseguia mais produzir uma imitação precária de saúde mental. Como achava dolorido ficar consciente, parei de fazer quase tudo. As manhãs eram a pior parte: acordava cada dia mais tarde, primeiro às onze, depois ao meio-dia, por fim às duas da tarde. Acho que jamais conheci uma pessoa depressiva que quisesse sair da cama pela manhã - que não vivesse o raiar do dia como uma convocação para se enterrar ainda mais debaixo das cobertas, de modo a poder aferrar-se à noite já extinta.

Nas poucas horas em que passava desperta sentia uma exaustão letal, como se nadasse numa piscina de piche. Os recados telefônicos ficavam sem resposta, os e-mails nem eram lidos. A idéia de escrever me era tão estranha quanto uma competição olímpica. Eu mal comia, já perdera mais de 13 quilos. Tinha desistido de qualquer comunicação. Quando falava, era quase sempre sobre suicídio.



## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

Apenas uma pequena parte de mim conservava a lembrança da pessoa que eu já tinha sido. Era cada vez mais difícil me imaginar ocupando de novo aquela versão de mim mesma. A depressão acabou por se tornar a coisa que me definia, preenchendo todo o espaço disponível, sem deixar margem para a possibilidade de um "antes" ou um "depois".

Passei a me deslocar numa velocidade glacial, e ao falar, hesitava, empregava uma voz mais grave e inexpressiva que a normal. Descobri com meu terapeuta e meu psicofarmacólogo que havia um nome clínico para o meu estado: "retardamento psicomotor".

Meu funcionamento biológico tinha se aliado a fatores psicodinâmicos imediatos, que precipitavam meu mergulho em parafuso - os ecos persistentes da morte, dois anos antes, da minha mãe, com quem eu tinha uma relação complicada; a partida iminente da minha filha para a universidade; uma terapia que enveredara pelo mau caminho; um romance que degingolara. Por mais que preferisse atribuir minha depressão clínica à herança genética ou a fatores ambientais, ao defeito de fabricação ou ao defeito de formação, o desencadeamento da doença é geralmente provocado por uma combinação das duas coisas.

Ainda assim, eu resistia à sugestão dos médicos para me internar num hospital. Parecia mais seguro ficar onde eu estava - por mais que me sentisse à beira do abismo - do que me trancar junto com outros desesperados, isoladamente, na esperança de que adiantasse alguma coisa. Quaisquer fantasias que eu tenha cultivado sobre instituições psiquiátricas, ou a respeito da promessa de uma cura final e definitiva, haviam desmoronado na minha última internação, quinze anos antes.

Mais: depois de uma vida inteira de terapia e medicação, que parecem nunca ter conseguido mais que remendar precariamente os buracos que havia em mim, passei a duvidar do conceito de intervenção profissional. É provável que eu entendesse mais de antidepressivos do que a maioria dos terapeutas, por ter experimentado as três categorias de psicotrópicos isolados, ou em combinações, à medida que eram lançados no mercado.

Inicialmente, relutei muito em tomar remédios para uma coisa que me parecia tão intrínseca a quem eu era. Até que um dos meus primeiros psiquiatras comparou meu estado emocional a uma úlcera. "Não dá para conversar com uma úlcera", dizia ele. "Não se argumenta com uma úlcera. Primeiro você se cura da úlcera, depois pode conversar sobre a maneira como se sente."

Nenhuma das drogas funciona de maneira absoluta. Por enquanto, não dispomos de nada melhor que uma forma refinada de adivinhação. Existem cerca de trinta pílulas que atuam de forma não totalmente compreendida sobre os nossos circuitos neuronais e a produção de serotonina, norepinefrina, dopamina e outras substâncias. Ninguém, nem mesmo os psicofarmacólogos que receitam esses remédios, compreende plenamente por que funcionam, quando funcionam e deixam de funcionar. Enquanto isso, os possíveis efeitos colaterais (que podem ir desde tremores ligeiros até a discinesia tardia, um problema raro que leva o paciente a produzir caretas incontroláveis) são deixados de lado, até não poderem mais ser ignorados.

Os hospitais psiquiátricos supostamente sabem garantir a nossa segurança. Mas eu estava em conflito até mesmo com a questão essencial da sobrevivência. Eu não tinha certeza de querer interromper minha espiral descendente, na qual a luz no fim do túnel, como disse certa vez o poeta Robert Lowell, era apenas o farol do trem vindo em nossa direção. Eu me imaginava espatifando na calçada com certa serenidade, com uma sensação de conclusão necessária. As pessoas que tiveram a temeridade de baixar a cortina sobre seu próprio sofrimento - em vez de se deixarem ficar, arrastando os pés, perdidas na esperança de dias melhores - me fascinavam. Mas sempre acreditei que as vítimas do suicídio não percebem que nunca terão uma nova chance. Se você fica deprimido além de certo ponto, acho eu, começa a conceber a morte como um berço, em cujo balanço suave pode se preparar para uma vida nova, cintilante de ineditismo, ainda intocada.

Uma realidade concreta se erguia à minha frente: tinha uma filha que amava profundamente e compreendia o mal irreparável que causaria a ela se tirasse minha própria vida, embora também sentisse que, se gostasse dela de verdade, eu a libertaria da presença dessa mãe que era mais sombra do que sol. Era por causa da minha filha que

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

decidira dar voz à minha "ideação suicida", como a coisa é chamada, preocupada com o que seria dela sem mim. Ao mesmo tempo, eu reconhecia que, para uma pessoa realmente decidida a pôr um fim em tudo, declarar sua intenção em voz alta era um gesto de traição a si mesma. Afinal, você estava alertando outras pessoas, fazendo com que elas tentassem impedi-la de ir em frente.

Uma pergunta sempre me intrigou: como era possível que ninguém fosse capaz de adivinhar esses terríveis desdobramentos só de olhar para você? É enfurecedor constatar que a depressão grave, por mais que seja tratada como uma doença, não emite sinais claros que os outros consigam captar. A dor psicológica é terrível, mas não tem como ser provada, não há feridas abertas vertendo sangue. Seria tão simples se você pudesse engessar a mente, como se fosse um tornozelo quebrado, provocando murmúrios de solidariedade que substituiriam o ceticismo ("Você não pode estar se sentindo tão mal assim...") e, em alguns casos, a hostilidade declarada ("Talvez se parasse de pensar o tempo todo só em você...").

Mais um fator contribuía para me manter exilada no meu apartamento, prisioneira da minha doença: o espectro da ect, a eletroconvulsoterapia. Meu terapeuta, um analista freudiano que sempre me parecera apenas vagamente convencido da eficácia de remédios, propôs, quando tive alguns efeitos colaterais sérios, que eu cogitasse de parar com todos os remédios de uma vez, para ver o que aconteceria. Eu parei, e entrei imediatamente em parafuso. De uma hora para outra, contudo, dez dias antes da minha admissão no hospital, ele se tornou um partidário entusiasta do eletrochoque. A ect, que provoca convulsões no cérebro, voltara à moda para casos de depressão resistente a tratamentos convencionais, depois de ter desaparecido nos anos 70, na esteira do filme *Um Estranho no Ninho*. Talvez eu tenha deixado meu analista assustado com minha insistência em falar do meu desejo de acabar com tudo de uma vez por todas. Talvez ele não quisesse ser responsabilizado pela morte de uma paciente que escrevia compulsivamente a respeito de si mesma, e sem dúvida haveria de deixar indícios que a ligavam a ele. Essa sua mudança, de uma postura psicanalítica, focada na mente subjetiva, para uma postura neurobiológica, focada em funcionamentos hipotéticos do cérebro físico, deixou-me desconfiada e com medo.

E se a ect me reduzisse a uma desconhecida de mim mesma, só com memórias fragmentadas da vida passada e imediatamente posterior? Eu posso detestar minha vida, mas prezo muito as minhas memórias - mesmo as mais infelizes, por mais paradoxal que possa parecer. A imagem caricatural da minha cabeça fritando, soltando faíscas e nuvens de fumaça ao ser atravessada pela corrente elétrica, me assombrava, embora eu soubesse que a ect não é mais administrada com força suficiente para produzir convulsões e fazer o paciente se contorcer em suas amarras.

No fim das contas, minha resistência foi se esgotando. Passei o fim de semana anterior à minha internação no apartamento da minha irmã mais velha, perdida no reino gótico da depressão: era incapaz de sair da cama, aprisionada em debates interiores. Ainda assim, ao fundo, havia vozes em algum lugar - a voz da minha irmã, as vozes dos meus médicos - argumentando em defesa da minha permanência por mais algum tempo; e eu quase conseguia ouvi-las. Queria morrer, mas ao mesmo tempo não queria. Não de todo. O suicídio sempre pode esperar, dizia a minha irmã. Por que eu não dava uma chance ao hospital? E me transmitiu recados de um dos meus médicos, dizendo que continuariam a cuidar de mim mesmo internada. Ninguém me forçaria a nada, muito menos à ect. Eu estava cansada demais para resistir.

**INÍCIO DE JUNHO DE 2008-** Numa manhã de segunda-feira, voltei para casa e arrumei duas malas pequenas. Enfieei nelas um número desproporcional de livros (considerando que eu não estava conseguindo ler), algumas calças de linho e camisetas de algodão, meu creme favorito para a noite (embora eu não o usasse há semanas) e, como âncora, uma foto da minha filha. Em troca da minha concordância em me submeter a um dos vários protocolos disponíveis - ou trocando de medicação ou me dispondo a me tratar com ect -, eu podia ficar internada na unidade 4c pelo tempo necessário, sem pagar nada. Minha irmã passou de táxi para me buscar e, pelo que lembro, chorei até chegarmos ao hospital, olhando para a vista passageira com uma sensação elegiaca de despedida.

Assim que minha irmã disse meu nome à enfermeira cuja cabeça apareceu na abertura da porta trancada da unidade, percebi que não era ali que eu queria estar. Tudo parecia vazio e silencioso à luz das lâmpadas fluorescentes, com a exceção de um homem de uns 40 anos que andava pelo corredor de camiseta e calça de

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

malha, indiferente ao que acontecia à sua volta. Ao final do que me pareceu um instante, minha irmã me deu adeus, garantindo que tudo iria dar certo, e fui deixada por minha conta.

Minhas malas foram revistadas, à procura de armas de autodestruição como lâminas de barbear, tesouras e espelhos. Celulares também. Na entrevista de admissão, eu alternava acessos de lágrimas e a repetição de que queria voltar para casa, como uma criança de 7 anos que acaba de ser deixada numa colônia de férias. A enfermeira não demonstrou grande empatia por aquele meu estado lamentável. Ainda assim, eu queria continuar naquela sala conversando com ela para sempre, só para evitar a ida para a unidade, com sua coleção pateticamente esparsa de revistas antigas, seus móveis de madeiras com almofadas de plástico azuis e roxas, e suas sufocantes salas de tevê - uma superlotada, a outra deserta.

Emergi para o jantar, que era servido às cinco e meia da tarde, como se a noite à frente estivesse tão repleta de atividades que precisássemos primeiro dar conta daquele ritual imprescindível. Como após o jantar havia muitas horas vazias até o apagar das luzes às 23 horas, imaginei que a refeição podia ser uma ocasião divertida. Mas descobri que os demais pacientes acabavam de comer em quinze minutos, e logo me encontrei sentada sozinha à mesa. Descobri mais tarde que a idéia era sempre entrar e sair dali o mais depressa possível.

Não ajudava muito que, embora fosse verão, não houvesse nenhuma fruta fresca à vista além de maçãs outonais e uma ocasional banana. Haveria momentos de certo brilho culinário - serviram sonhos recheados de creme no Dia dos Pais e, numa terça-feira, houve um almoço em torno da churrasqueira no parque, no qual comi vários cachorros-quentes -, mas o padrão geral era ruim. Ao final de algum tempo, comecei a pedir latas de Ensure Plus, o suplemento nutricional líquido, que podia vir em sabor chocolate ou baunilha e estava sempre presente nos programas alimentares das anoréxicas. Fechando os olhos, dava até para achar que era um milk-shake.

Não era só o Ensure que eu invejava nas anoréxicas. Desde a primeira noite, quando sons de conversa e riso se desprendiam do grupo delas e chegavam até a mesa triste e quase silenciosa dos depressivos à qual eu me juntara, desejava me tornar uma delas. Ao contrário do nosso grupo, exigia-se delas que permanecessem pelo menos meia hora no refeitório, no almoço e no jantar, o que criava necessariamente uma atmosfera mais calorosa. É bem verdade que uma ou duas delas chegaram a ser trazidas de maca até o refeitório; ainda assim elas me pareciam invejáveis. Por mais que fossem devastadoramente esqueléticas, todas eram jovens e cheias de esperança, falavam de namorados e parentes, empenhavam-se incansavelmente em seus "diários", quando não estavam participando de atividades criadas exclusivamente para elas. Aos olhos do mundo, elas sofriam de uma doença, enquanto nós só padecíamos de ser, intratável e desoladamente, as pessoas que éramos.

Eu dividia um pequeno quarto com uma mulher bonita, de meia-idade, que se apresentou a mim com uma animação notável, como se estivéssemos nos conhecendo num coquetel. Por um minuto achei que as coisas não poderiam ser tão terríveis assim, que aquele lugar não podia ser um destino tão abjeto quanto imaginava, se aquela mulher se dignava a misturar sua sorte com o resto de nós. Quando ia para a cama, ela usava pequenas tiras de esparadrapo, conhecidas como Frownies, vendidas na farmácia com o suposto efeito de minimizar as rugas. Ao contrário de mim, ela imaginava um futuro - um futuro que lhe recomendava conservar uma aparência juvenil. Eu mal lavara o rosto ao longo dos últimos meses, mas me vi diante de alguém que compreendia a importância de manter as aparências, mesmo numa instituição psiquiátrica.

O quarto propriamente dito não poderia ser menos acolhedor. Tinha lâmpadas fluorescentes que não se limitavam a iluminar, mas destacavam as coisas sob um brilho intenso. Havia duas camas, duas mesas de cabeceira e duas cômodas. Tinha ainda duas enormes lixeiras de plástico; uma ficava perto da porta, lançando um triste reflexo plastificado sobre todas as coisas, e a outra ocupava espaço demais no pequeno banheiro. A água do chuveiro saía de uma peça presa à parede - a presença de um chuveiro convencional, logo fiquei sabendo, era vista como uma indução ao suicídio por enforcamento - e o jorro fraco de água saía no máximo um pouco morno.

Deitei-me na cama aquela primeira noite, debaixo do surrado cobertor branco, e tentei me acalmar. A falta de um abajur para a leitura só fez aumentar meu pânico. Mesmo que minha depressão me impedisse de me concentrar num livro, a ausência de uma fonte de luz com a qual eu pudesse ler representava o fim da maneira como eu concebia a civilização. Minha mente dava voltas e mais voltas em torno da mesma barragem de questões, como um

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

detetive de polícia persistente. Como tinha ido parar ali? Como permitira que me levassem para lá? Por que não tivera a força de vontade de ficar do lado de fora? Por que nada tinha mudado com o passar dos anos? Uma coisa é a pessoa ficar deprimida aos 20 ou 30 anos, quando a juventude lhe confere uma inegável pungência, certo encanto. Coisa totalmente diferente é a pessoa ficar deprimida na meia-idade, quando já deveria estar conformada com as imperfeições da vida, além das suas próprias.

Amassei o travesseiro fino, ajeitei os lençóis e o cobertor, e me enrodilhei na cama. *Não preciso ficar tão desesperada, tentei acalmar-me. Você não está presa. Pode pedir para ir embora amanhã.* Fiquei ouvindo a respiração calma e regular da minha companheira de quarto e desejei ser ela, desejei ser qualquer pessoa menos eu mesma.

Por toda a cidade, pessoas menos deprimidas ou nem um pouco deprimidas levavam suas vidas normais, vendo tevê, escrevendo num blog ou jantando mais tarde. Por que eu não era uma delas? Depois de ficar olhando para a escuridão horas a fio, finalmente me levantei, vesti meu robe, e me dirigi ao posto das enfermeiras à procura de mais remédios para dormir.

Do lado de fora do quarto, a luz chegava a cegar. Duas das auxiliares estavam sentadas à mesa, disputando algum jogo de palavras no computador. Levantaram os olhos para mim com uma expressão impassível e esperaram que eu lhes dissesse o que me trazia ali. Expliquei que não conseguia dormir, e minha voz soava rouca de ansiedade. Minhas mãos estavam pegajosas e minha boca, seca. Uma delas se levantou e foi verificar se o residente de psiquiatria tinha aprovado o pedido. Entregou-me um comprimido num copinho de papel, e murmurei alguma coisa querendo dizer que estava muito nervosa. "Vai se sentir melhor depois de dormir", respondeu ela. Assenti com a cabeça e disse "boa-noite", sentindo-me dispensada. "Boa noite", respondeu ela no tom mais casual do mundo. Eu não era ninguém para ela, ninguém para mim.

Minha sensação de deslocamento e abandono persistiu em cada dia das três semanas que passei na unidade 4c, e apenas em raros momentos deu lugar a um estado um pouco menos ansioso de hibernação. No fim, descobri várias enfermeiras ou auxiliares com quem era possível conversar sobre a realidade bizarra de viver numa unidade psiquiátrica a portas trancadas e com horários de visita ferozmente controlados (das 17h30 às 20 horas nos dias úteis e das 14 horas às 20 horas nos fins de semana), sem me sentir uma paciente psiquiátrica oficial. Ao final da segunda semana, quando não estava mais restrita à unidade, um dos enfermeiros homens costumava me convidar para tomar café na pequena cantina do 6º andar, onde o pessoal do hospital se reunia para comer.

Essas saídas eram breves - nunca demorávamos mais de quinze minutos - e sempre me mostravam como era artificial a linha divisória entre a ala 4c e o mundo exterior. Eu estava no universo enclausurado dos comprovadamente enfermos, das pessoas que falavam do seu precário estado interior como se fosse tudo que importava, e no minuto seguinte era admitida no mundo comum, no qual as pessoas tinham a liberdade de andar por onde quisessem. Enquanto segurava meu café como se o acalentasse, observava com um sentimento quase de reverência os estudantes de medicina que entravam e saíam apressados, levando nas mãos suas pranchetas e cadernos. Como tinham conseguido encontrar um modo de viver sem se atolarem nas sombras? De que fonte retiravam a sua energia? Eu não conseguia imaginar que um dia voltasse a participar desse mundo.

A cada semana, divulgava-se uma agenda dando a impressão que nós, os pacientes, éramos gente ocupadíssima, sempre às voltas com sessões de terapia e ioga, caminhadas e grupos de criação literária. Na verdade, havia muito mais tempo livre do que ocupado - grandes punhados de espaço em branco que se espalhavam ao longo do dia, gerando uma verdadeira maré oculta de preguiça e prostração. Fazer amizades na unidade, o que poderia ajudar a passar o tempo, era uma atividade intermitente, porque os pacientes nunca paravam de chegar e partir, e o único laço real que nos unia era o da coerção. A outra restrição era própria do território: ou as pessoas já estavam conformadas com sua vida na unidade, o que de certa forma era perturbador, ou viviam ansiosas para ir embora, o que era perturbador de outra forma. Eu me liquei muito à minha companheira de quarto, que era engraçada e dava a impressão de pairar acima daquilo tudo. Fiquei tristíssima quando ela foi embora, com um novo diagnóstico e novos remédios.

A questão mais premente para mim era se me submeteria ou não à ect. O primeiro paciente com quem me deparei

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

ao entrar na unidade, subindo e descendo os corredores, estava em pleno processo de receber a ect e insistia, em voz alta, que estavam destruindo o seu cérebro. E, de fato, os pacientes que eu via saindo da ect tinham sempre um comportamento zozinho e atordoado, como se lhes faltasse alguma peça essencial.

Eu conversava diariamente com a doutora R., a jovem residente que vi na primeira noite, para discutir por que eu ainda não devia ir embora e que outros caminhos poderíamos explorar, em termos de medicamentos. Ela usava um anel de noivado com um diamante e uma aliança de brilhantes que eram sempre as primeiras coisas que os meus olhos procuravam. Eu via aquelas jóias como sinais dolorosos de que nem todo mundo era incompleto como eu, que ela tinha opções bem mais cintilantes e podia até se revelar uma dessas jovens mulheres estruturadas que tinham tudo - carreira, marido, filhos.

Durante as nossas sessões de meia hora, eu tentava absorver uma parte da visão da doutora R. e ver a mim mesma através de seus olhos compassivos. Eu me lembrava que as pessoas ainda me achavam interessante, mesmo depois que eu deixara de me interessar por mim mesma. Mas o alívio durava pouco, e uma hora depois que ela ia embora eu voltava a travar batalhas interiores com a fúria de sempre.

Um dia, no início da minha segunda semana, fui convocada a deixar uma sessão de terapia e me reunir com uma psiquiatra da unidade de ect. Ainda me pergunto se esse breve encontro não terá sido definitivo, assustando-me para todo o sempre. Ela parecia uma carcereira de penitenciária. Mal tivemos tempo de dizer duas palavras e ela anunciou que eu dava sinais claros de apresentar um "quadro neurovegetativo". Assinalou que eu tinha a fala arrastada e minha mente também parecia arrastar-se, acrescentando em tom sóbrio que eu jamais conseguiria voltar a escrever se continuasse naquele estado. Seu julgamento soava impiedoso, me senti atacada, como se nada restasse de mim além da doença.

É óbvio que a ect era o tratamento indicado, concluiu ela bruscamente. Assenti com a cabeça, com medo de falar muito e dar a impressão de ser uma imbecil, mas todos os alarmes dispararam na minha mente. *Não, não é nada indicado*, pensei. *Ainda não. Ainda não me transformei na criatura passiva que ela vê*. Foi o primeiro sinal de uma vontade positiva, um delicado broto verde que podia ser facilmente esmagado, mas eu sentia a sua força.

O defensor mais enérgico e mais benigno da ect era um psiquiatra com quem eu me consultara três décadas antes e que tivera um papel decisivo em me convencer a aceitar a internação. Com seus modos formais, mas benevolentes, demonstrou que eu vivia com um nível de depressão absurdo, e que a melhor chance de alívio era a ect.

Numa noite de sexta-feira, durante o jantar, ele veio me ver. Os outros pacientes tinham ido embora, e minha irmã estava comigo, de visita. Olhei para ela enquanto o médico falava com paixão a meu respeito, discorrendo sobre os horrores do meu tipo de depressão, e os gloriosos benefícios da ect. *Socorro*, implorei em silêncio à minha irmã. *Não quero isso*. As lágrimas corriam pelo meu rosto. Permaneci muda, incapaz de falar, mas perfeitamente capaz de sentir angústia. Minha irmã falou por mim como se fosse uma intérprete do meu silêncio. Comunicou ao médico que eu parecia rejeitar o novo tratamento e minha vontade precisava ser respeitada.

Comecei a imaginar permanecer no hospital por muito tempo, não porque gostasse mais do ambiente, mas porque, depois de certo tempo, ficava mais fácil continuar lá do que ir embora. Os detalhes mezinhas da vida - contas, prazos, reuniões - tinham sido suspensos durante meus últimos meses em casa, depois ficaram totalmente fora dos limites do hospital, e começou a parecer inconcebível que um dia eu voltasse a ter condições de cuidar deles. Em vez de me fortalecer durante a internação, eu sentia uma espécie de enfraquecimento psicológico ainda maior.

A nova medicação que vinha tomando me deixava exausta e adotei o hábito de voltar para a cama logo depois do café da manhã. Ficava cansada até de receber visitas, de ficar sentada na salinha horrorosa, de conversar, manifestar minha gratidão pelos presentes que as pessoas me traziam.

Na semana anterior à minha partida, como uma espécie de preparação para a reentrada no mundo, tive diversas autorizações para sair, mas nenhuma deu bom resultado. Numa delas, saí numa tarde quentíssima de sábado com a minha filha para uma caminhada até o Starbucks mais próximo. Sentia-me muito distante de Zoë e tinha a cabeça pesada com os novos sedativos que vinha tomando. Quando ela se afastou por um minuto para falar no celular,

## TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
04 a 08 de Janeiro de 2010

comecei a chorar, como se alguma coisa trágica tivesse acontecido. Refleti, desolada, sobre o efeito que produzia na minha filha, o de me ver naquele estado. Seria eu um fardo que ela estaria condenada a carregar pelo resto da vida? Será que a minha depressão seria transmitida a ela? Ao mesmo tempo, como sempre, ríamos juntas de coisas miúdas e estranhas. Ocorreu-me que, para ela, eu não era uma desconhecida; eu o era apenas para mim mesma.

Com a concordância provisória da equipe médica, deixei o hospital três semanas depois de chegar. Era um dia quente de junho e o calor refletia nas janelas dos carros estacionados. Tudo me parecia barulhento e amplificado. Era chocante encontrar-me do lado de fora, sabendo que dessa vez minha licença era permanente.

Voltei para casa com uma receita de Klonopin, uma droga de combate à ansiedade que tomava desde sempre, e mais um dueto de remédios (Remeron e Efexor) apelidados de "combustível de foguete" por seu suposto efeito de ignição. Logo ficou claro que aquele coquetel não estava destinado a funcionar comigo. Em casa, fui novamente dominada por pensamentos suicidas e passava os dias deitada na cama, com medo de sair até para uma volta no quarteirão com a minha filha. Ficou claro que eu não podia ser deixada sozinha. Minha irmã e uma amiga passaram a se revezar na minha companhia. Ficou igualmente claro que aquele esquema só poderia ser de curto prazo. Todos concordaram que eu deveria voltar para o hospital e experimentaria finalmente a ect.

**AGOSTO DE 2008**\_\_Foi numa tarde de domingo, véspera do meu planejado retorno à ala 4c, que houve um ligeiro deslocamento dentro de mim. Tinha parado com o Remeron e começara a tomar um remédio novo, chamado Abilify. Sentia-me um pouco mais calma, e meu quarto já não me parecia um lugar tão estranho. Talvez tenha sido o medo da ect, ou o fim do efeito da medicação errada, ou talvez a depressão tenha finalmente completado o seu ciclo e começasse a se dissipar. Eu não tinha - e ainda não tenho - uma idéia clara do que aconteceu. Por um curto intervalo, não havia ninguém comigo em casa, e decidi levantar-me e sair. Entrei no supermercado e fiquei examinando a seção dos cereais para o café da manhã. Fiquei tão atarantada diante da variedade de marcas como alguém recém-saído de um *gulag*. Comprei toalhas de papel e morangos, depois andei até minha casa e voltei para a cama. Não foi propriamente uma viagem à península de Yucatán, mas foi um começo. Não me internei no hospital no dia seguinte, preferindo dedicar o resto do verão à reocupação paulatina da minha vida, reaprendendo cada passo. Convivia com pessoas em quem confiava, e com as quais não preciso fingir.

Perto do final de agosto, fui passar uns dias na casa de praia de uma amiga. Éramos só ela, eu e seus três cachorros irritantes. Eu tinha levado um romance para ler - *O Encontro*, de Anne Enright. Foi o primeiro livro que me absorveu, e o primeiro que consegui ler desde antes da minha internação. Cheguei à última página no terceiro dia. Por volta das quatro e meia daquela tarde que já trazia o prenúncio do fim do verão, olhei para o céu incrivelmente azul. Um dos cachorros estava sentado ao meu lado, o corpo quente encostado na minha perna, enquanto eu me secava do mergulho que acabara de dar. Haveria novos livros para ler, novos filmes para assistir e novos restaurantes a experimentar. Consegui me imaginar escrevendo de novo, o que não me pareceu uma idéia estapafúrdia. Havia coisas que eu queria dizer.

Tudo ainda me parecia frágil, mas, pelo menos por enquanto, minha depressão abrira espaço. Esqueci a sensação de viver sem ela, e por algum tempo eu me debati, sem saber como poderia reconhecer a mim mesma. Sabia que ela poderia voltar a qualquer momento.

Mas vislumbres de luz também poderiam se prolongar se eu persistisse mais um pouco, aferrada à perspectiva de longo prazo.

Era um risco que me pareceu valer a pena correr. ★